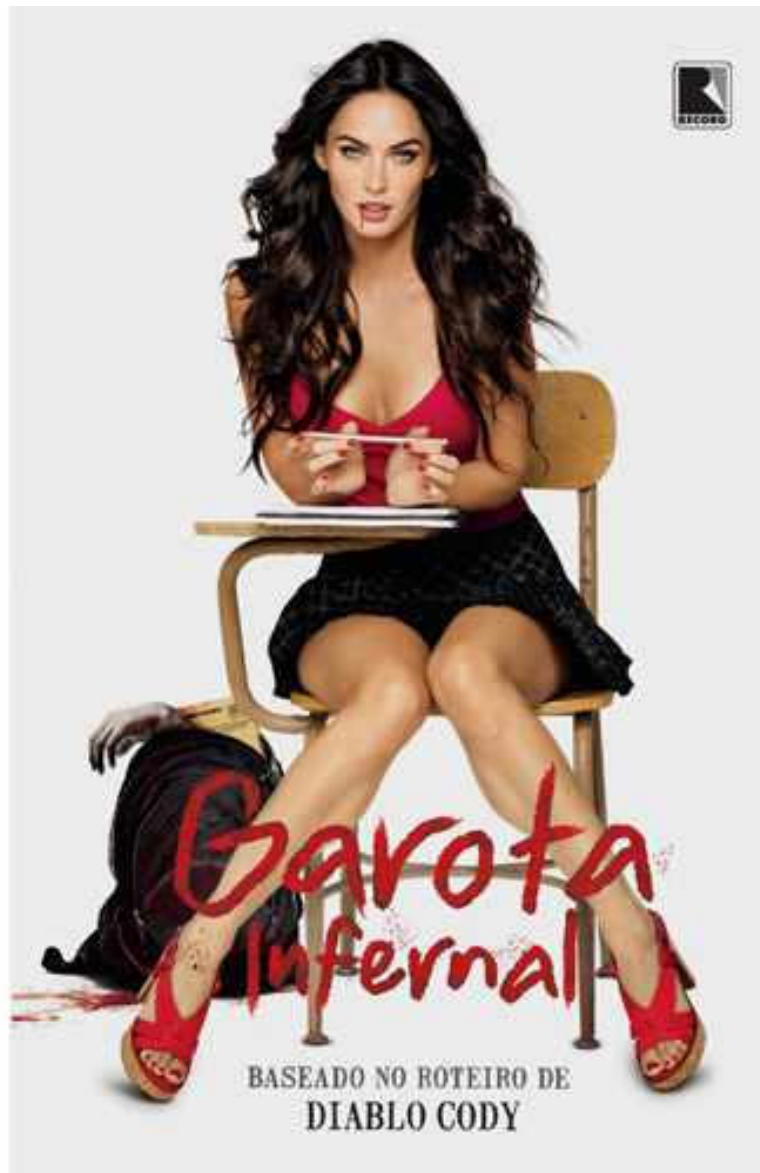




Digitalizado pela comunidade [Traduções e Digitalizações](#)  
Baseado no Roteiro de Diablo Cody

**Um Romance de Audrey Nixon**

**Sinopse:** Baseado no roteiro de Diablo Cody, ganhadora do Oscar de melhor roteiro original pelo filme Juno, o livro conta a história de Jennifer, uma popular líder de torcida que, após um ritual, é possuída por entidades demoníacas e passa a assassinar os garotos da cidade e se alimentar de seus corpos. Cabe à melhor amiga de Jennifer impedir seus ataques e ir atrás da banda de rock responsável por iniciar a transformação de Jennifer.



**Capa:**

“Alguém tem que dar um basta em Jennifer.

Algumas pessoas costumam acreditar que uma beldade como ela possa se relacionar com uma nerd como eu. Mas nós temos um passado. Somos Supergêmeas desde o maternal, e uma amizade construída no parquinho da escola nunca morre. Bom, pelo menos era o que eu pensava.

Depois de uma bizarra noite na floresta, Jennifer parecia diferente. Ela estava diferente. E, então, começaram os assassinatos...

Muita gente me pergunta se me arrependo do que fiz. A resposta é sim. Me arrependo amargamente de não ter feito antes.”

Possessão demoníaca, assassinatos, música e melhores amigas em um filme de tirar o fôlego, com roteiro infernal de Diablo Cody.

**Abas:**

Jennifer e Needy são melhores amigas desde o jardim de infância, mesmo sendo completamente diferentes. Jennifer é líder de torcida, a garota mais popular da escola, objeto de desejo de todos os garotos de time de futebol, do clube de xadrez, dos góticos, dos emos, de estudantes de intercâmbio...; Needy, por sua vez, é totalmente nerd, caseira, um pouco tímida e namora desde sempre Chip.

Quando a banda alternativa Low Shoulder vai tocar na cidade, Jennifer convence Needy a acompanhá-la; afinal, o vocalista é um gato e essa poder ser a grande chance de Jennifer conquistar uma quase celebridade. Durante o show, coisas muito estranhas começam a acontecer, e um incêndio destrói o bar, matando a maior parte do público. A banda, Jennifer e Needy conseguem escapar do fogo, mas, em vez de seguir os conselhos de sua BBF e ir para casa, Jennifer decide ficar mais um pouco com os meninos. Que mal haveria nisso, né? Horas depois, Jennifer decide aparece na casa de Needy, suja, estranha e totalmente possuída por *alguma* coisa.

Como se a tragédia na clube já não bastasse, a pequena cidade de Devil's Kettle tem o sei pacato dia completamente alterado quando estranhos assassinatos começam a acontecer. As mortes são muito violentas, os corpos são esfaqueados, como se alguém tivesse comido sua entranhas. E as vítimas, tadinhas, são sempre garotos da escola local. Mas Needy percebe um outro padrão nos assassinatos: todos os mortos tinham uma baita quedinha por Jennifer...

Ooops, estaria ela desconfiando de sua melhor amiga?

Needy decide investigar o que está acontecendo e acaba se deparando com forças que estão muito além de sua imaginação. A vida de todos os garotos da cidade está em risco... inclusive a de seu namorado.

Arrepiante e demoníaco, este romance é baseado no roteiro de Diablo Cody para o filme *Garota Infernal*, dirigido por Karyn Kusama, com Megan Fox, Amanda Seyfried e Adam Brody no elenco.

## ANTES DE COMEÇAR...

Sou Needy. Quer dizer, é assim que as pessoas me chamam. É só um apelido, tipo Barbie ou Betty. Meu nome mesmo é Anita, mas faz anos que ninguém me chama assim. Jennifer sempre me chamou de Needy para facilitar as coisas e todo mundo foi na onda.

Ser chamada de Needy, “necessitada” não diz muito nem sobre o meu destino, nem sobre o que aconteceu, como se poderia achar. Eu não acredito que *necessito* de alguma coisa... a não ser de vingança. É, um pouco mais de vingança seria ótimo.

Porém, por enquanto, só estou aqui sentada no meu quarto - minha cela -, enrolando dois galhos em lã laranja, fazendo um daqueles amuletos Olho de Deus, como no jardim de infância. Minhas habilidades com artesanato obviamente melhoraram muito em 17 anos. Mas não há muito mais o que fazer por aqui. Só tem uma cama com um travesseiro e um cobertor que dá coceira, uma coisa meio cômoda, meio escrivadinha com duas gavetas, e uma janela gradeada. Não faz sentido olhar por ela; já sei que em frente existe uma cerca de três metros de altura com arame farpado por cima. Aqui não é bem como uma prisão... é quase um reformatório, uma lata de segurança mínima para lunáticos. Eles dopam a gente com medicamentos e, se alguma garota fizer qualquer coisa bem louca, eles a atiram na solitária. Como dizem os jornais, estou na Casa de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Feminina de Leech Lake, que quer dizer “lago de sanguessugas”. E é verdade, o lago está mesmo cheio de sanguessugas. Nojo total.

Quando não consigo mais suportar meus próprios pensamentos, leio a correspondência. Recebo um monte: cartas, pacotes, fotos, calcinhas. Acho que recebo mais carta do que o Papai Noel e o Zac Efron juntos.

Bem... eu *sou* demais.

Às vezes as cartas são de gente que diz estar rezando por mim. Dizem que tudo vai ficar bem se eu simplesmente aceitar Jesus Cristo no meu coração. Tento rezar em voz alta, mas nunca acontece nada. Ninguém volta. Ninguém sai da cruz. Não sei... Acho que talvez eu devesse ter frequentado a igreja antes.

De vez em quando recebo presentes de fracassados que viram minha foto no jornal e querem se casar comigo, ou algo assim. Acham que podem me libertar de todo esse sofrimento. Como se eu fosse sair com algum pervertido que sente tesão só de pensar em corromper menores! Dá um tempo! Posso ser maluca, mas desesperada eu não sou.

Coloquei a foto de Chip na cômoda. Você poderia achar que eu nem aguentaria olhar para ela. Mas não: é o contrário. Olho para ela todos os dias, tentando esquecer a última vez em que o vi, com as costelas à mostra, o braço arrancado e os intestinos caídos pelo chão...

Alguém bate à porta. Raymundo enfia a cabeça para dentro e diz que o horário da recreação começou há cinco minutos. *Se liga, Raymundo*. Ele põe meus comprimidos sobre a cômoda e fecha a porta. Não tenho necessidade de sentir nada, por isso sempre tomo meus remédios. Eles meio que dão uma aliviada.

Ao tirar as calças do pijama para vestir a roupa de ginástica, vejo as cicatrizes. Eu meio que gosto da aparência... Elas me dão um quê de perigosa. Por um minuto, passo o dedo e sinto as

linhas inchadas que marcam minhas coxas. Foi uma briga daquelas.

Ponho o short de ginástica, depois minhas pantufas de coelhinho. Não ria! Acho que elas são bonitinhas. E, seja como for, eles dão uma levantada na camiseta laranja e nas calças paraquedista que são a última moda por aqui.

Eles realmente deixam a gente sair para correr e soltar nossas loucuras. Tocam ópera no sistema de alto-falantes nas quadras de badminton. As garotas mais estranhas daqui são as que jogam badminton. No meio de uma partida, uma beldade desdentada me dá um sorriso que é só gengivas, antes de acertar uma raquetada na perna da colega. Do outro lado da rede, outra mulher de dar pena e que obviamente não sabe como se joga aquilo, está batendo a raquete na parede. Os monitores só observam, sorrindo como idiotas.

Bem-vindos às Olimpíadas de Dementes. Aqui em Leech Lake eles são ótimos em recreação. Supostamente isso ajuda nós, os pacientes, a liberar a agressividade. Trocamos as machadinhas pelas raquetes. Aquelas fracassadas no canto trocaram as bombas caseiras por pular corda. Até as adeptas de automutilação entram na onda quando estão conscientes. Os curativos de uma garota tremulam no ar a cada vez que ela pula a corda.

Eu, pessoalmente, acho que esses caras estão só tentando cansar a gente. Se nos deixarem sempre letárgicas, não vai haver revolta. Só que comigo não funcionam essas táticas de calouros. Sou uma atacante. É o que está escrito na minha ficha com caneta vermelha e depois destacado com marca-texto: ATACANTE. Quando fui ao médico, dei uma olhada em algumas das outras coisas que estão na minha ficha. Embaixo de ANITA “NEEDY” LESNICK está escrito: alucinações e ideias de grandeza. Pelo jeito, sou maluca. O assassinato na verdade não foi minha culpa. Foi o que minha mãe disse. E enfim, se eu tivesse mesmo ideias de grandeza, não estaria então tentando arrumar umas fãs por aqui? E me tornar a líder de um culto? Eu bem que poderia, sabe. É só contar certas coisas que eu já vi, o banho de sangue que vivi... Elas me idolatariam em um piscar de olhos. Mas eu busco só ficar invisível. Nem sempre funciona.

Na hora do almoço, todo mundo tem uma amiga com quem se sentar. Até Desdentada tem uma amiga. Mas eu, eu agarro uma bandeja de metal e vou me sentar sozinha com meu sanduíche de micro-ondas.

Por mais que eu me esforce, nunca consigo ficar invisível. Nunca me deixam em paz. Hoje é a vez da nutricionista, Ela vem direto até mim, como se estivesse esperando eu comer meu sanduíche sozinha.

— Só um, hein? - diz ela.

— Eu gosto disso.

Essa sou eu, sendo invisível e sem provocar discussão. Só esperando a outra ir embora.

— Que bom - diz ela -, mas não sei se só um sanduíche será capaz de fornecer energia suficiente para o seu dia. Eu recomendaria mais carboidratos complexos.

Não sei por quê, talvez porque ela esteja me dizendo o que fazer, ou porque ela é feia, ou porque sua voz parece um prego riscando um quadro-negro, mas, seja lá o que for, eu surto. Piro. Ultimamente acontece bastante,

— EU RECOMENDARIA QUE VOCÊ CALASSE A BOCA! - grito, enquanto me levanto de repente, viro a perna e acerto um chute circular rápido no rosto dela. Ainda me surpreendo ao

ver o quanto sou *rápida*.

A vadia da nutricionista cai de joelhos e seu nariz quebrado sangra. Todo mundo começa a dar gritinhos. Dois enfermeiros vêm e me agarram pelos braços. Luto com eles por tempo o bastante para conseguir dar uma escarrada no olho da nutricionista. É tudo culpa dessa maldita. São necessários mais dois enfermeiros para me arrastar pelo corredor, gritando - quatro armários para derrotar essa baixinha aqui. Olho pra trás, para ela, uma única vez, bem a tempo de vê-la cuspir fora um dente.

Acabo na solitária, claro. Chorando. Acho que é melhor mesmo para mim ficar aqui. Já não me reconheço mais. Eu não era assim maluca, juro. Nunca machucaria ninguém. Eu costumava ser normal.. Bem, tão normal quanto qualquer garota sob a influência dos hormônios da adolescência. Mas, depois que os assassinatos começaram, passei a me sentir, não sei, meio desparafusada ou algo do tipo. Desmanchando como aquela calça jeans que fiz na aula de economia doméstica. Despedaçada como frango xadrez. Morta por dentro.

É, na minha escola ainda dão aula de economia doméstica.

Essa não é a primeira vez que vou parar na solitária. Nem a solitária é tão ruim quanto se imagina. A cela de concreto tem na verdade um tamanho decente; posso ficar deitada de costas e me esticar, se eu quiser. Bem lá em cima, perto do teto, existe uma janelinha. Daria para sair engatinhando por ela, se alguém fosse capaz de magicamente dar um salto de cinco metros de altura.

Quando estou presa aqui, tento dormir, mas é pior do que ficar acordada. Meus sonhos não são uma fuga. Vejo formas esquisitas, caveiras sorridentes, rostos carcomidos. E o tempo inteiro ouço aquela música, em uma repetição infinita. Assim que fecho os olhos, aquele sucesso idiota do Top 40 começa a tocar e a bateria tatua uma batida no meu cérebro.

*Através das árvores vou achar você,*

*Curar os destroços que restaram em você.*

*E as estrelas irão lembrar a você*

*Que nós vamos nos reencontrar...*

Essa música é muito mala.

Para matar o tempo, repasso os acontecimentos na minha cabeça. Uma, duas, três, mil vezes. A história toda faz sentido? Não. Aconteceu de verdade? Sim. Alguém um dia vai acreditar em mim? Ao que tudo indica, não.

Acho que você quer ouvir a história. Acho que eu quero contá-la, senão não estaria aqui matraqueando por tanto tempo. Contar vai me impedir de ficar sonhando acordada.

Mas, primeiro, quero deixar uma coisa bem clara. Muita gente pergunta se eu me arrependo de ter feito o que eu fiz.

A única coisa de que me arrependo é de não ter feito antes.

## CAPÍTULO 1

### Kettle Corn

placa diz: BEM-VINDO A DEVIL'S KETTLE, A "CHALEIRA DO DIABO". POP. 7.036. VENHA VER O QUE ESTÁ FERVENDO! Sério... diz isso mesmo. Uma escola, uma pizzaria, um semáforo e um monte de mata ao redor: basicamente os fundos de Lugar Nenhum, Minnesota. Foi aqui que tudo aconteceu.

Eu sei que "Chaleira do Diabo" soa meio como magia negra, mas o lugar ganhou esse nome por causa de uma cachoeira. Tecnicamente, nem é uma cachoeira normal. Em vez de despencar em um riacho ou córrego, a água cai em um buraco e de lá não sai mais. Não existe uma fonte a mais de um quilômetro de distância ou coisa assim: a água simplesmente some. Os cientistas não conseguem explicar. Já lançaram todo tipo de coisa lá dentro - aquelas bolinhas que quicam, tinta vermelha, lama radioativa, bebês... Ahá, agora peguei você! Essa dos bebês foi brincadeira. Cara, que tipo de cidade você acha que é essa? Enfim, nenhum dos trechos que jogaram lá dentro jamais veio à tona. Talvez tenham ido parar em outra dimensão. Ou talvez o buraco seja, você sabe... fundo de verdade.

Acho que você está a fim de ouvir a história da Jennifer; é o que todo mundo sempre quer. *Uma garota tão bonita, dizem, partir antes do tempo assim. Era líder de torcida, sabe.* Porém, acredite, a vadia teve o que mereceu.

Perto do fim, seu corpo tinha uma aparência horrível, todo decomposto e amarelo. Mas, alguns meses atrás, Jen ainda era a coisa mais linda deste lado daquela coisa do buraco fundo. Jennifer; eu; meu namorado, Chip... Éramos todos normais. Correspondíamos às nossas fotos no anuário da escola: nada mais, nada menos. Jennifer, a líder de torcida; Needy, a CDF; Chip, o baterista fofo.

Tem gente que tenta me convencer de que Chip Dove era um péssimo baterista, que era só um *nerd* fracassado, mas eu nem escuto. Para mim, tudo nele era musical.

Tá bom, certo, tudo bem. Eu sabia que ele não sabia tocar nada na bateria. Ele só sabia "Land of a Thousand Dances" - uma dessas músicas velhas sentimentaloides com a letra cheia de nã-nã-nãs. Para sorte dele, porém, tocar na banda da Kettle High não era algo que exigia muito. Ele descia a mão no tambor.

As meninas da torcida apareciam em seus uniformes roxo e amarelo-mostarda, batendo as botinhas brancas em um ritmo mais perfeito do que a batida do tambor de Chip, depois desdobravam as bandeiras para dar alguns volteios. E, lá na frente, senhoras e senhores, estava Jennifer Check. Ela era linda. Cabelo castanho brilhante esvoaçante, peitões, cinturinha... O pacote completo. Difícil acreditar que estava no ensino médio. Parecia que tinha acabado de sair de uma das páginas duplas da *Playboy*. Essas apresentações antes dos jogos aconteciam com muita frequência (eu às vezes me perguntava se isso não seria só uma desculpa para ver Jennifer em sua superminissaia plissada dando voltas na bandeira). Naquela época a gente era grudada, praticamente irmãs. As pessoas custavam a acreditar que uma beldade como Jennifer pudesse ser amiga de uma débil como eu. Eu usava óculos de nerd e meu cabelo nunca viu um secador na vida. Mas éramos as Supergêmeas desde a época pré-verbal. O amor que se sela na caixa de areia nunca morre. Bom, pelo menos é o que eu costumava pensar.

Era fevereiro, uma quinta, e a escola inteira estava na apresentação, Jen acenou para a plateia e eu acenei de volta. Uma garota da nossa aula de biologia, Chastity, estava ao meu lado nos bancos do ginásio e revirou os olhos para mim.

— Você é lésbica.

— Quê? - perguntei na defensiva, - Ela é minha melhor amiga.

Chastity imitou meu aceno.

— Você a olha como se quisesse se esfregar com ela. Tipo sexo sem penetração.

— Tá com inveja? - atirei, enquanto coçava o nariz por baixo dos meus óculos.

— Do quê? Daquela vadiazinha cheia da grana?

— Ela não é cheia da grana - respondi. A coitada da Jennifer Check estava longe de ser rica, a menos que se medisse a riqueza pelas marcas na cabeceira da cama. Bom, marcas figurativas: ela não marcaria de verdade sua cama de dossel.

Mais tarde, eu estava escavando um livro em meu armário azul de metal quando Jennifer chegou saltitante para checar o cabelo no meu espelho magnético.

— E aí, Vodol? - sorriu ela.

— E aí, Vagisil?

Era minha resposta padrão.

Jennifer desviou o olhar para ver o rei do esporte, Jonas Kozelle, beliscar a bunda de alguma garota. Seu nariz perfeito se retorceu de nojo. Ela já havia passado da Fase dos garotões do esporte e entrado na dos homens mais velhos havia muito tempo.

— Nós duas vamos sair hoje à noite - disse ela, arregaçando as mangas do suéter rosa cortado. A camiseta colada listrada de rosa e branco se ergueu, mostrando sua barriga reta.

— Hoje? Pra onde?

— O Low Shoulder vai tocar no Melody Lane. Pela primeira vez na vida o show está liberado pra todas as idades, ou seja, a gente não vai ter de entrar escondido pela janelinha.

Apesar de Chip ser músico, eu não acompanhava bandas.

— O que é o Low Shoulder? - perguntei.

— Uma banda de indie rock de fora da cidade. Dei uma olhada no MySpace e o vocalista é ultrassalgado. E vai ter um monte de outros petiscos salgadinhos lá pra você. Vamos, Needy! É fim de semana!

— É quinta-feira - corrigi, batendo a porta do armário.

— Quinta conta como fim de semana na faculdade. E daqui a um ano e meio a gente vai estar na faculdade.

Ela sorriu. Nós duas mal podíamos esperar pra dar o fora dessa cidade - juntas. A gente tinha planejado ser BFF por toda a eternidade.

Dei um soco no ar.

— University of Northern Minnesota, Duluth! U-hu!

— Bom... e aí? - Ela fingiu perguntar. Em geral não tinha discussão. Ela liderava; eu seguia.

— Humm, não vai dar.

Olhei pro lado, tentando ser forte. Ela me rodeou até me encarar com aqueles olhos redondos de filhotinho.

— Ai, para de ser chata.



— Prometi sair com o Chip hoje. Só nós dois - expliquei.

Jennifer fez beicinho e desenhou um X no ar na frente do meu rosto.

— Buuu! Needy tá fora.

Olhei em volta, para ver se alguém tinha notado. Odiava quando ela fazia aquilo em público. Mas também odiava lhe dizer não. Eu realmente só queria ficar em casa com o Chip e me sentia mal toda vez que cancelava algo com ele, mas sabia que, no fim, Jennifer conseguiria me dobrar.

Decidi cortar aquela perseguição. Dei de ombros e me rendi.

— A que horas é o show? - perguntei.

— Passo pra te pegar às 20h30. Minha mãe vai sair com o dono da loja de presunto, por isso não vai precisar do carro.

— Ele parece ser um cara legal.

Ela deu um sorrisinho.

— É, minha mãe diz que ele tem um *enooooorme...* coração. Tão enorme que agora ela anda com uma infecção urinária recorrente.

*Eca.*

Ela se virou para ir embora, mas gritou por cima do ombro:

— Vista algo bacana, ok?

— Ok - suspirei para mim mesma enquanto ela se afastava.

No vocabulário de Jennifer, “vista algo bacana” significava algo bastante específico. Significava que eu não podia parecer um zero à esquerda, mas também não podia superá-la. Podia mostrar a barriga, mas nada de decote. Lembra toda aquela besteirada que contei antes, sobre os peitos dela? Eu estava sendo boazinha. Na verdade, eu é que tenho os peitões, mas sempre tive de escondê-los para que Jennifer não sentisse sua posição de gatinha gostosa número um ameaçada. Ela era sempre o alvo maior dos elogios quando a gente saía - ninguém colocava Jenny pra escanteio.

Posando na frente do espelho encardido do meu banheiro, experimentei algumas blusinhas e descartei todas. Decotada demais, laranja demais, surrada demais. Por fim, escolhi uma *baby look* preta básica com capuz cinza e dobrei meu jeans um pouquinho na altura dos quadris. Chip estava esperando, deitado espalhado na minha cama. Era bom tê-lo por perto enquanto eu me arrumava. Era bom ter alguém prestando atenção em mim e não em Jennifer, para variar. Chip e eu começamos a namorar há mais ou menos um ano. Ele me convidou para sair depois de um jogo em que houve apresentação da banda da escola. Fiquei tão espantada que só consegui ficar parada olhando para ele. Jennifer disse sim por mim e depois parou de fingir que ele não existia. Então, de um jeito estranho, eu meio que lhe devo uma. Não que ela me deixe ficar muito tempo com ele.

Quando saí do banheiro, ele ergueu a sobrancelha.

— Esse jeans aí tá ultrabaixo. Tô quase vendo sua virilha.

— Chip! É um show de rock. Esse é meu visual roqueiro.

— Tá, mas sabe o que é, tô vendo seu *útero*.

Suspirei e subi as calças, enquanto ele não parava de falar.

— Nunca ouvi falar desse Low Shoulder. De qual dos caras a Jennifer tá atrás?

— Do vocalista e líder da banda, óbvio - respondi, enquanto apanhava uma escova e começava a passá-la pelos nós de meu cabelo loiro cinzento. Em geral eu só afastava um pouco de cabelo do rosto com um elástico de cabelo. Ele é pesado demais para eu conseguir prendê-lo inteiro com um elástico.

— Garotas como Jennifer não saem com bateristas.

— Valeu - disse ele, fingindo estar magoado.

— Sem querer ofender - falei. - Quer dizer, ela provavelmente abriria uma exceção no caso de um baterista que *também* fosse vocalista e líder da banda. Esse cara aí tem uns 22 anos, por isso pode acabar preso se transar com ela. Mas Jennifer disse que ele é ultrassalgado, então...

— Salgado? Vocês duas nunca vão parar com essa linguagem secreta?

— *Salgado* quer dizer “lindo” - expliquei, enquanto Chip me agarrava pela cintura e me puxava para a cama. Ele acariciou minha orelha com o nariz.

— Então você deve ser molho shoyu, baby - disse ele. Depois me beijou. Seus lábios eram macios e eu retribuí o beijo. O cabelo castanho dele fez cócegas em meu nariz. Ele o usava meio comprido, mas não demais. Só o bastante para eu ter de afastá-lo dos olhos dele às vezes. Sinto falta de transar com Chip. Era o paraíso. Pelo menos a melhor coisa que senti na vida, já que nunca beijei ninguém nem antes nem depois. Ele mordiscou meu lábio e começou a desafivelar o cinto.

Culpada por ter de deixá-lo sozinho, tentei falar enquanto ele me mordiscava.

— Tem certeza de que não quer ir ao Melody Lane com a gente? Agora eles dão pipoca de graça. Tem um carrinho de pipoca lá.

O cinto já estava desafivelado e agora ele estava às voltas com o zíper.

— Você prometeu que a gente ia ficar junto hoje - balbuciou. - Aluguei *Orca, a baleia assassina*. É tipo *Tubarão*, só que com uma baleia inofensiva.

— A gente fica junto em casa o tempo todo. No quesito ficar juntos, estamos extremamente bem... Peraí,

Parei e o empurrei para longe, para que eu pudesse me sentar. Eu era como um perdigueiro farejando uma raposa.

— Jennifer tá aqui - falei.

— Como você sabe? - perguntou ele, tentando me agarrar de novo. Então nós dois a escutamos lá embaixo.

— Needy, pare de brincar com o absorvente interno e desça agora mesmo!

Chip pareceu assustado.

— Isso é muito estranho - murmurou para si mesmo. Eu me levantei e terminei de escovar o cabelo. Chip nunca entendeu a ligação que existia entre mim e Jennifer. Éramos uma irmandade sagrada, - Você sempre faz o que Jennifer te diz pra fazer - reclamou, enquanto ajeitava as calças. Bom, talvez ele entendesse nossa relação mais do que eu achava que entendia. É um caso a se pensar.

— Não faço, não - retruquei, negando o óbvio. - Só gosto de fazer as mesmas coisas que ela, só isso. A gente tem coisas em comum. É por isso que a gente é BFF.

Puxei a corrente com pingente em forma de coração de baixo da camiseta e a ergui para que

ele a visse. Tinha gravado BFF e tinha um brilhantezinho falso. Para ser sincera, eu achava *mesmo* que tinha vontade de fazer as mesmas coisas que ela.

Ele simplesmente bufou:

— Vocês duas não têm nada em comum.

Agora fiquei puta da vida.

— Tá, tudo bem, Chip. Deixa pra lá.

Coloquei os óculos e saí do quarto pisando forte. Desci as escadas e vi Jennifer esperando na porta da frente.

Estava usando uma tonelada de maquiagem e quase nada além disso. Uma roupa padrão para uma saída ao Melody Lane. Bem, tá certo: além da *baby look* roxa rasgada e da minissaia jeans, estava também com a jaqueta branca acolchoada que tinha gola de pelo falso. Era uma graça! Sempre quis aquela jaqueta... Pelo menos até ela ficar coberta de sangue. Jennifer havia arrematado o visual com um cinto que trazia escrita com tachas a palavra LOVE.

Ela balançou as chaves do carro na minha frente:

— Adivinhe só quem vai ser dona de um carrão até as 23h30? Um Chrysler Sebring 2003, e ele é todinho *meu*! Você tem sorte de poder sair comigo em grande estilo!

Ela deu um meio giro com o quadril. Aí parou quando Chip desceu as escadas atrás de mim.

— Ah, oi, Chip - cumprimentou ela. - Gosta de filhotinhos?

Jennifer agarrou seus próprios peitos e os atirou na direção de Chip com uma risadinha.

— Acho que você esqueceu, tipo, uns dois botões - disse Chip, corajosamente tentando não olhar, mas sem conseguir se conter.

— Acho que ela se *lembrou* de dois botões - retruquei, enquanto me metia na frente de Jennifer para barrar a visão dele.

Ela cheirou o ar ao meu redor.

— Vocês dois estavam transando?

— Você é nojenta! - gritei. Empurrei-a para longe e ela me empurrou de volta. Lutamos um pouco, e os peitos de Jennifer quase saíram da blusa. Quando vi Chip olhando, parei na hora.

— Tá bom, vamos logo pra boate - disse ela, depois de restabelecer sua superioridade como ímã de garotos.

Enquanto eu trancava a porta da frente, Chip tentou arrumar briga.

— Melody Lane não é uma boate, é um bar - disse ele. - Na verdade, nem chega a ser bar. É tipo um bingo com serpentina de chope.

— Dá um tempo, Chip. Você só tá com ciuminho porque não foi convidado - disse Jennifer.

— Não tô com ciuminho! - gritou ele, enquanto nos seguia até o carro. - Aquele lugar é nojento. Todo mundo lá tem bigode!

— Você tá *total* com ciuminho! Tá verde-limão de ciuminho e nem consegue admitir pra si mesmo.

Pulamos para dentro do carro e Jennifer deu a partida. Desci o vidro da janela e acenei um tchau para Chip. Só que ele continuava gritando com Jennifer.

— Pare de raptar minha namorada! - gritou, enquanto manobrávamos para fora do meio-fio. Pobre, doce Chip. Eu devia ter ficado em casa e transado com ele. Devia ter assistido a *Orca, a baleia assassina*. Devia ter impedido Jennifer de ir ao Melody Lane.

Se tivesse feito isso, todas aquelas pessoas não teriam morrido. Bem, todas aquelas quatro.

## CAPÍTULO DOIS

### Pode vir quente

Chip tinha razão. Melody Lane Tavern definitivamente não é uma boate. Boates são para gente bonita das metrópoles. Boates tem DJs e champanhe. Tudo o que tem em Melody Lane é uma *jukebox* quebrada e a Privada do Sticker.

A placa de néon piscava falhando quando atravessamos o estacionamento coberto de cascalho para chegar até a porta de entrada. O lugar era basicamente uma cabana de madeira caindo aos pedaços decorada com calotas, localizada na saída da cidade. O cara na porta desenhava Xs pretos gigantescos nas costas das nossas mãos. Jennifer olhou o dela com desgosto. Não gostava de ser riscada de nada.

O interior estava em penumbras. Vimos o bartender passar uma caixa de cerveja pelo balcão para um cara de camiseta rasgada.

– Mal posso esperar até ter idade pra ficar bêbada – disse Jennifer. – Já tomou cidra sabor de pêssego?

– Já, foi demais – menti.

– É nojento! – contestou ela. Depois se encolheu um pouco quando um dos jogadores de futebol americano da escola entrou, encarando os peitos dela.

– Oi, Jennifer. Você tá bonita – disse ele.

– E aí, Craig.

Jennifer revirou os olhos. Depois que ele se afastou o suficiente, ela me cutucou e disse:

– Ele acha que é bom o bastante pra mim. Não admira que esse cara esteja na turma de matemática para retardados.

– É – concordei, distraída. Ao olhar em volta, reconheci um garoto da escola. – Ei, é Ahmet, da Índia! O aluno de intercâmbio!

Os olhos de Jennifer acompanharam a direção dos meus e se enrugaram de irritação.

– Por que chamaram esse garoto de novo? – perguntou ela.

– Acho que o diretor Lunquist pensou que seria bom pra, você sabe... diversidade.

Ela revirou os olhos.

– Não acredito que a gente trocou um jogador de hóquei gostoso por *isso*.

Dei de ombros.

– Ah, sei lá, ele parece OK – argumentei. – E tem uma estátua sensacional de elefante no armário da escola.

Eu andava planejando pesquisar sobre aquela estátua. Tinha quase certeza que era algo religioso. Não deve ser demais ir à igreja cultua elefantes? Eu me sentia empolgada, pois o simples fato de Ahmet existir fazia tudo parecer multicultural.

Fomos para o fundo da casa noturna e nos aproximamos do palco. Bom, acho que a *plataforma* seria um termo melhor. O lugar para a apresentação só era cerca de vinte centímetros de altura mais alto do que o resto da boate. O lugar estava lotado, mas a maioria das pessoas era freqüentadora regular. A banda não tinha atraído muita gente diferente, além de nós e de Ahmet.

Jennifer sacou um maço de cigarros da saia jeans. Depois tirou devagar um cigarro e o ergueu

entre dois dedos, como se estivesse esperando alguém vir acendê-lo. Não me preocupei muito com os pulmões dela, nem com os meus riscos de fumante passiva. Ela fazia aquilo o tempo todo para atrair os homens e raramente ultrapassava a marca de um cigarro antes de acabar se agarrando com algum cara.

Dito e feito. Roman Duda, com boné camuflado, veio andando como quem não quer nada e se plantou um pouco perto demais de Jen. O cara tinha tipo uns 25 anos. Era nojento. Bebeu um gole enorme de uma garrafa de cerveja e depois arrancou o maço de cigarros das mãos dela.

– Jennifer, você tem 17 anos – repreendeu ele. – Seus pulmões são como duas costeletas de cordeiro perfeitamente rosadas, não os polua com esse lixo.

Ela respondeu colocando o cigarro que estava segurando entre os lábios e apertando-os na direção dele, que também o arrancou.

– Sabe que eu podia te prender por estar com isso?

– Me prender? Ai, ai. Você nem saiu da academia, Roman!

Ah, sim, eu mencionei que esse verdadeiro exemplo de humanidade estava na academia de polícia? Logo, logo, iria proteger a gente de bem de Devil's Kettle. Eu duvidava que ele fosse capaz de proteger um rato de um gato. Ou uma adolescente com tesão demais de si mesma.

– Dois meses – rouquejou ele. – Daí vou estar na força pra valer.

Jennifer inclinou-se e sussurrou:

– Você vai me algemar?

Depois se esfregou nele. Olhei pro lado. Sabia que ela já tinha ido pra cama com aquele cara, mas tentei não pensar nisso. Não sou puritana, mas a coisa toda tava me dando nos nervos.

Roman gemeu um pouco e sussurrou de volta:

– Não faça isso aqui. Não posso arrumar encrenca.

– Olhem! – gritei, apontando para uma distração conveniente. – A banda!

Eles eram os típicos aspirantes a roqueiros alternativos. Eram tão magros que dava para contar seus ossos. Não lavavam o cabelo havia semanas, talvez desde o início da turnê, e todos vestiam jeans rasgados ou calças cargo com a camiseta coladas ao corpo.

O líder da banda, porém era definitivamente salgado. Usava uma camiseta marrom sobre uma camisa branca de mangas compridas. Seus jeans eram ultracolados e ele tinha olhos enormes e intensos, como poças de tinta. Parecia... perigoso.

Ao meu lado, Jennifer pelo jeito achava a mesma coisa.

– Dá pra ver que são de fora.

Ela acenou na direção do resto da platéia, que era formada na maioria pelos bons e velhos garotos meio valentões com botas de caubói e metidos em jeans surrados.

Roman olhou a banda com desconfiança.

– Eles parecem um bando de...

– É *lógico* que você diria isso – cortou Jennifer. – Você é tão mosca morta. Que bom seria se a gente tivesse mais caras como esses em Devil's Kettle. Todos estilosos e tal.

Eu ainda os estava encarando.

– Eles são *tão* maneiros – murmurei, ajeitava meus óculos.

Observei o guitarrista tirar a guitarra brilhante do case. Ele olhou para cima e seus olhos se encontraram com os meus. Lambeu os lábios. Congelei e engoli em seco.

– Ei, acho que eles tão precisando de duas *groupies* – disse Jennifer, agarrando meu braço. –

Vamos! Vai ser igual a *Quase famosos!* Eu vou ser a Penny Lane e você pode ser aquela outra garota.

– Não! – falei, automaticamente. Sentia dificuldades para respirar.

– Não seja nerd, Needy. Eles são só garotos. Petiscos. Nós é que temos o poder. – Ela me girou e me encarou fundo nos olhos. – Você não sabe disso? – Depois colocou as mãos no meu peito. Essas coisas são como bombas inteligentes. É só apontar na direção certa que a coisa começa a rolar.

Eu estava bem consciente de que muitos homens ali perto estavam de olho nas mãos dela nos meus peitos, como se a gente fosse se agarrar a qualquer momento e eles não quisessem perder o showzinho. Dei de ombros e a afastei, mas sabia que ela tinha razão. Já a tinha visto conseguir muitas e muitas vezes o que queria só ostentando seus atributos. Mas eu não sabia fazer aquilo. Ela era ímã sexual; eu era só a Needy. Mesmo assim, quando ela andou até a beira do palco/plataforma, eu a segui.

O vocalista veio nos encontrar ali e olhou para Jennifer com expectativa. Aquilo não era novidade para ele.

– Oi! Hã, a gente queria muito conhecer vocês, e tal? Sou Jennifer Check e essa é... minha amiga? – Jennifer piscava muito e entoava todas as frases como se fossem perguntas.

Ele não lançou exatamente um sorriso para ela, foi mais como se quisesse mostrar os dentes.

– Sou Nikolai, e essa é minha banda. – Ele apertou a Mao dela. Seus dedos tinham montes de anéis de prata pesados, e ele exibia uma tatuagem de lua negra no pescoço. Achei o nome dele demais. “Nikolai” parecia o nome de um caçador de vampiros gostoso de um filme que poderia passra de madrugada no Starz.

– Ah, ta, Low Shoulder, né? Ouvi dizer que vocês são super... superbons com seus instrumentos.

Verdade seja dita, Jennifer tinha uma grande coisa a seu favor, e não era a aparência. Era a coragem. Era a garota mais corajosa que já conheci na vida. Capaz de abordar qualquer um e conseguir o que queria. Ela era assim. Não tinha muito o que dizer àquele cara, mas conseguiu soltar uma quantidade suficiente de palavras para fazê-lo notá-la. Depois, seus filhotinhos meio que selaram o acordo. Tá bom, então acho que ela tinha *duas* grandes coisas ao seu favor. Mas que Jennifer tinha cara de pau, isso tinha, sem dúvida.

– A guitarra é quase uma extensão do meu corpo a essa altura – disse Nikolai.

Finalmente pensei em algo para dizer.

– Ei, se não se importam com a pergunta, por que viram tocar em Devil’s Kettle? Vocês vivem em uma cidade grande, né?

Achei que era uma pergunta justa. Estávamos mesmo no fim de lugar nenhum.

Nikolai por fim voltou seus olhos negros para mim.

– É – respondeu ele. – Mas, sabe o que é, acho muito importante a gente se conectar com nossos fãs nos lugares de bosta também.

Justo.

– Impressionante. Posso lhe pagar uma bebida? – perguntou Jennifer.

Tava na cara que ela queria avançar naquilo. Mas, sério: como ela iria comprar uma bebida? A gente tinha dois Xs enormes nas mãos. Estávamos no meio do mato, mas mesmo assim não serviam bebida a menores de idade.

– Eles fazem uma batida ótima em tributo ao 11 de Setembro. É vermelha, branca e azul, mas você tem de beber bem rápido, senão fica marrom – disse Jennifer.

Nikolai estremeceu um pouco.

– Hã... claro.

– Volto já.

Jennifer saltitou até o balcão. Eu meio que fui para um canto, para poder ficar de olho nela. Seja como for, não sabia mesmo o que mais dizer a Nikolai. O olho dele era verdadeiramente assustador.

Um cara alto de calças jeans e botas colocou uma música de Loretta Lynn para tocar no *jukebox*. Alguém deve ter concertado aquela coisa. Aí um casal começou a fazer uma dança *country* bem na frente da banda, como se fosse para irritar os caras do rock.

O baixista foi até Nikolai e os dois começaram a sussurrar um para o outro. Não consegui deixar de ouvir. Ei, não me julgue. Eu não tinha mais nada o que fazer! Ver Jennifer exhibir os peitos para o bartender não era muito empolgante.

– Dirk, o que você acha dela? – perguntou Nikolai.

Meu pulso acelerou. Ele estava falando de mim?!

– Quem, a Jan Brady? – perguntou Dirk.

SIM! Eles estavam falando de mim! Encolhi a barriga para dentro e tentei parecer sexy.

– Não, não; aquela que vai me trazer uma bebida. É ela, cara.

Ah, claro. Eles estavam falando de Jennifer. Qual era a novidade, mesmo?

– Sei não – disse Dirk.

Ahá! Talvez ele tivesse gostado mais de mim!

– Tem certeza de que ela é... – começou Dirk.

– Olhe, eu fui criado num lixo como esse – interrompeu Nikolai. – Sempre tem aquela garota que é a mais gostosa da escola. A princesa da feira anual da região, ou algo assim. Ela acha que vai ser atriz ou cantora um dia, mas não entende que as regras mudam depois que a gente sai do meio do mato. De repente, você deixa de ser especial.

Fiquei completamente confusa a essa altura. Ele a tinha visto, certo? Jennifer não era nenhuma princesinha.

– Você disse pra gente que era do Brooklyn – protestou Dirk.

– A questão é – continuou Nikolai – que ela com certeza absoluta é virgem.

Meu queixo caiu.

– Já saí com meninas assim. São todas princesas metidas que adoram provocar, mas nunca abrem as pernas. E depois... te dão o fora.

— Sei não - repetiu Dirk.

Meu gatinho sabia o que estava rolando. Eu estava dando apoio total a ele.

— Dirk, a gente não veio até aqui pra nada!

— Certo, tá bom. Mas, sabe, não sou só o seu baixista. Sou uma pessoa, com *sentimentos*, que por *acaso* toca baixo. E gostaria de um pouco mais de respeito...

Ele continuou a lenga-lenga, mas parei de escutar. Estava furiosa. Como eles *ousavam* falar de minha melhor amiga assim? Tornei a encolher a barriga e subi de novo naquele palquinho.

— Com licença - disse, enquanto dava um tapinha hesitante em Nikolai.

— Que foi? - cortou ele.

— É da minha melhor amiga que vocês estão falando. E... você tem razão... ela é virgem. O que é muito melhor do que ir pra cama com umas aberrações como vocês!

Depois me virei e atirei o cabelo para trás na direção dele. Eu me senti como um redemoinho de dignidade, quando saí batendo os pés.

Então tá, menti sobre o negócio da virgindade. Como se eu fosse dizer que minha BFF é uma piranha!

Andei direto até o bar. Jennifer tinha de fato conseguido pôr as mãos em uns drinques.

Estavam em tubos de teste e eram mesmo vermelhos, brancos e azuis.

— A Torre Um não está cheia o bastante - reclamou ela. - E eu tive de brigar com Roman pra conseguir-las. - Ela olhou minha cara de raiva. - Que foi? Tá com medo dos astros do rock?

— Esses caras são nojentos, Jen. Esqueça,

— Acho que o vocalista está na minha - disse ela, olhando por cima do meu ombro para ele. Isso só porque ele acha que você é virgem. Eu ouvi os dois conversando.

— O quê? Difícil, hein. - Ela endireitou os ombros. - Bom, se Nikolai quer o tipo inocente, posso fazer o tipo inocente. Vou ser a Pequena Miss Sunshine - disse ela, com determinação.

— Ele é velho demais pra você!

Jennifer me encarou com olhos semicerrados de raiva. Nunca ninguém se colocava entre ela e um homem. Jamais.

De repente os alto-falantes ganharam vida e o retorno guinchou em nossos ouvidos.

Estremeci enquanto Nikolai agarrava o microfone e sorria para a platéia.

— Boa noite, Devi's Lake.

O guitarrista soltou um acorde de furar o tímpano.

— Devil's Kettle! - corrigiu alguém.

Olhei em volta, achando que pudesse ser Ahmet. Mas ele estava perdido no meio da multidão.

— Foi mal. Enfim, somos o Low Shoulder e só queremos fazer vocês felizes.

O logo da banda, pendurado atrás deles, mostrava os fundos de um carro meio inclinado para a direita. Não entendi. Também não entendi o nome da banda. Era indie demais pra mim.

Estava começando a achar que aqueles caras só podiam ser roubada. Nikolai, especialmente, tinha um brilho maligno no olhar. Mas, no momento, eu só achava que ele era gostoso.

Então o guitarrista soltou outro acorde de furar o tímpano e a banda tocou a canção de rock mais impressionante e mais assustadora de todos os tempos. Hoje faz parte do *zeitgeist* nacional, mas naquele momento foi uma revelação.

*“Através das árvores vou achar você.”*

A primeira vez em que ouvi aquela melodia foi mágica. Ver Nikolai cantar a letra foi intenso. Com um dos pés sobre o amplificador, ele gritava ao microfone. O guitarrista parecia sentir dor, de tão concentrado que estava.

Jennifer ficou totalmente hipnotizada; agarrava meu braço e encarava Nikolai. Bom, como todo mundo. O bar todo ficou enfeitiçado. O Low Shoulder estava fazendo alguma macumba maluca naquela multidão. Tirei o meu capuz. Começava a ficar muito quente com tanta gente socada aqui

Algo dançou no reflexo dos meus óculos. As pessoas sacudiam os braços no ar; era uma loucura total. Jennifer e eu balançávamos ao som da música, junto com todo mundo. Fechei os olhos por um instante e deixei a voz de Nikolai preencher minha mente.



Por fim abri os olhos e olhei ao redor. Havia um movimento estranho à minha esquerda, contra a parede. Uma luz dançante. Achei que talvez a multidão tivesse acendido os isqueiros e que estivessem movendo-os em homenagem à banda, mas logo percebi que chamas dançavam pelas paredes. Chamas de verdade. Chamas grandes. *Fogo!*

Fiquei parada, assistindo àquilo tudo como se fosse um filme. O fogo subiu pelas paredes e enrolou os pôsteres pregados na madeira. As flâmulas presas no teto se acenderam como fósforos e a parede inteira se iluminou. Tudo aconteceu muito rápido - afinal, aquele lugar inteiro era feito de madeira. As pessoas começaram a lutar para se afastar da parede e uma mulher gritou.

O bartender idiota abriu caminho pela multidão e atirou um jarro de cerveja na parede, o que só fez piorar as coisas. Não se ensina mais na escola o que significa “inflamável” não?

Todo mundo por fim se ligou que o lugar estava em chamas. Pararam de balançar e cantarolar com a música e ficaram ali em silêncio. Foi assustador, sobrenatural, o jeito como todos simplesmente ficaram esperando algo acontecer, esperando o fogo aumentar. A banda percebeu que tinha perdido a platéia e parou de tocar abruptamente. Todos nós escutamos o fogo crepitando enquanto corria até outra parede e depois pelo teto.

E sabem o que aconteceu nesse momento crucial? Prestem atenção, isso será importante mais tarde. Eu estava lá, eu vi. Aqui vai exatamente o que os ilustres membros da banda Low Shoulder fizeram: atiraram longe os instrumentos e deram no pé! Os amplificadores e as guitarras foram abandonados enquanto os músicos saíram desesperados. Exceto Nikolai, que meio que ficou ali, sorrindo. Aquele cara era estranho. Observou o lugar e o fogo, depois olhou para Jennifer. Como se estivesse satisfeito com aqueles acontecimentos. Depois deu no pé, também. Eu repito: o Low Shoulder *deu no pé*.

A fuga da banda finalmente quebrou o encanto. Os clientes do bar voltaram em pânico à vida. Foi um caos quando as pessoas debandaram até a porta de entrada - a única porta. As chamas se espalharam, e o cabelo loiro de uma mulher pegou fogo. Ela uivou e caiu no chão, tirando a jaqueta jeans para bater com ela na cabeça. Um cara saltou por cima da mulher para chegar até a porta. Sem sequer olhar para baixo. O cheiro acre do cabelo queimado dela atingiu minhas narinas e por fim me arrancou do transe.

Ao meu lado, no meio daquela loucura, Jennifer continuava parada, como se estivesse no olho do furacão.

— Sei pra onde a gente tem de ir! - gritei. Agarrei Jennifer e comecei a arrastá-la até o banheiro.

Era como arrastar um manequim. Ela ainda estava hipnotizada, ou sei lá o quê, e seus membros não se dobraram.

— Hmmmm? - disse ela, como se não notasse a bola de fogo gigantesca no meio da qual estávamos.

— Vamos! A janelinha!

Abri caminho às cotoveladas entre uns bêbados que estavam ziguezagueando na direção oposta, enquanto puxava Jennifer comigo até os fundos do bar. Entramos no banheiro minúsculo, o que dizia DAMAS na porta. Pisei na Privada do Sticker, que já exibia um sticker do Low Shoulder grudado, e arrastei Jennifer para cima comigo. Eu me equilibrei na privada enquanto a empurrava para fora pela janelinha. Em geral a gente *entrava* no Melody Lane

daquele jeito. Porém hoje era a única saída. Dei um impulso para cima e sai também, atrás dela. Caímos na grama e depois, cambaleantes, nos afastamos do edifício.

Olhei para a fogueira atrás de nós e vi que ainda tinha gente lá dentro. Homens e mulheres tropeçavam na saída, mas obviamente estavam subindo sobre corpos para isso. Subindo em pessoas como a mulher loira cujo cabelo pegara fogo. Havia gente sendo pisoteada até a morte. Cobri o rosto; não conseguia mais olhar.

Porém, eu continuava a ouvir os gritos... muitos gritos. Alguns devem ter sido meus. Ouvi sirenes. Escutei o estalido de ossos e o *uuuuush* do fogo queimando-os. Os estouros soavam como fogos de artifício. Era de gente queimando, eu sabia. Podia ouvir os engasgos ao meu lado.

Jennifer caiu em cima de mim, tossindo. Suas meias-calças estavam rasgadas por causa da saída pela janela, mas ela ainda estava com as duas *botas* cinza. Sua corrente com o coração dourado escrito BFF brilhou à luz do fogo. Abracei-a com força e assim fiquei.

— Tá tudo bem - sussurrei. - A gente conseguiu sair. Você vai ficar bem.

De repente, alguma mão esquelética agarrou o ombro de Jennifer. Era Nikolai.

— Graças a Deus, tá tudo bem com você! - declarou ele. - Estive te procurando em tudo o que é lugar!

Não dava para acreditar que aquela aberração ainda tentava dar em cima dela.

— Acho que você devia ir procurar sua banda - dei a dica.

— Aqueles caras? - acenou ele. - Foram os primeiros a sair correndo. Fugiram para o furgão como se fossem um bando de mulherzinhas.

Viu? Ele mesmo admitiu que os caras fugiram! Eu o encarei enquanto mais gritos se ouviam do prédio em chamas. Jennifer estremeceu e cobriu as orelhas.

— Tá perigoso de verdade aqui, meninas - disse Nikolai. Como se a gente não soubesse, dã. - Querem saber? Vocês deviam vir pro meu furgão, onde é seguro.

— O quê?! - guinchei. O cara queria que a gente entrasse no seu furgão depravado?

Ele falou comigo como se eu fosse surda.

— Perigoso. Furgão. Segurança. Vamos nessa.

Jennifer me empurrou e caiu nos braços dele.

— Certo, certo - murmurou.

— Você tá em choque, Jenny - falou ele suavemente enquanto a envolvia com um dos braços e enfiava a outra mão no bolso, de onde tirou um frasco. - Tome, beba isso aqui.

É claro que ela deu um gole enorme. Minha BFF nunca dispensava álcool de graça.

— Você não tá meio na noia com tudo isso, não? - berrei, tentando falar a língua dele. - E seus alto-falantes, amplificadores e não sei o que mais? Tá tudo provavelmente derretido, e quando vocês forem pra próxima parada vão ter de, sei lá, fazer um show acústico idiota! Ninguém curte isso!

— Vamos arrumar equipamento novo logo, logo. Tenho a impressão de que a gente vai estourar.

Eu não sabia se ele estava falando da banda ou do prédio.

Insisti com Jennifer:

— Vamos, Jen.

— É, vamos pro meu furgão - arrematou Nikolai e a conduziu até um furgão branco encardido estacionado na estrada que levava a Melody lane. As janelas eram negras: não dava para ver lá dentro, nem dizer se a banda estava lá ou não.

Jennifer a essa altura estava enrolando a língua.

— Quero ver seu furgão descolado. Vamos, Needy, vamos pro furgão.

Cara, o que é que tinha naquele frasco?

— Por quê? Por que a gente deveria ir? Temos de pegar o Sebring! A gente podia ir pro El Ojo e comer uns Northwoods Nachos com Molho Badger extra! Por favor? Tô morrendo de fome? Ela sempre estava a fim de nachos... Por favor, Jen, por favor.

— Needy, corta essa! Cala a boca!

Minha melhor amiga entrou no furgão branco com o vocalista do Low Shoulder. Um cara que parecia pálido, torto e maligno como a árvore petrificada que eu vi quando era pequena. Ele se virou ao ajudá-la a entrar no banco do carona. Juro que mostrou os dentes para mim e rosnou.

Não fiquei para ver. Virei e saí correndo na direção da floresta enquanto Melody Lane explodia atrás de mim.

Nunca fui tão corajosa quanto Jennifer.

### Capítulo 3

#### Lanchinho Noturno

Corri o caminho inteiro até minha casa. Quase caí no choro enquanto tentava enfiar a chave na porta. A única coisa que eu queria era *estar em casa*. Só parei de correr quando cheguei no meu quarto. Acendi a luz e arfei em busca de ar, enquanto ficava ali parada um instante. Fui até o banheiro e tomei água direto da torneira. Foi quando me vi no espelho. Meu rosto estava coberto de fuligem, flocos de cinzas caíam de meus cabelos, e minhas roupas estavam rasgadas. Meu cérebro começou a processar a extensão do que acontecera.

Voltei para o quarto, agarrei o celular e apertei uma tecla de discagem rápida.

— Mrfshhh - balbuciou Chip. Acho que ele afinal foi dormir em vez de assistir *Orca, a baleia assassina* sozinho.

— Chip! Jennifer sumiu! Ela fugiu com aquela banda de rock. E o Melody Lane pegou fogo! Ai, meu Deus, Chip...

Mais cinzas caíram dos meus cabelos enquanto eu andava pelo quarto.

— Pegou fogo, como? Incendiou? Tá todo mundo bem?

Comecei a rir descontroladamente, o que depois virou um acesso de soluços.

— Não, acho que a maioria das pessoas morreu!

— Você tá bem, certo?

— Certo - soluzei. - Saímos pela janelinha.

— O quê?

Se liga, Chip!

— Você sabe! Aquela janela do banheiro por onde todas as meninas menores de idade entram de penetra? Só que todo mundo tava tentando sair pela porta. Foi, tipo, um estouro de boiada total! Quem desmaiou acabou sendo pisoteado, e dava pra ouvir os ossos se quebrando! Havia um monte de gritos e estouros, como se um milhão de fogos de artifício estivessem estourando ao mesmo tempo. E as pessoas... queimando... cheiravam como...

Finalmente calei a boca. Não conseguia respirar, soluçar e falar ao mesmo tempo.

— Que loucura.

Novamente, dá. Sentei-me na cama, tentando recobrar o fôlego. Olhei para a foto sobre a cômoda, de mim, Chip e Jennifer. Merda. O que aqueles fracassados estariam fazendo com ela?

— Só que Jennifer ainda tá com aqueles caras sem noção! Eles a levaram num furgão apavorante com janelas pretas e...

— Você viu a marca e o modelo?

Ah, agora ele queria dar uma de *Lei & Ordem* para cima de mim? Quem é que se lembra de coisas desse tipo?

— Sei lá! Um furgão de estuprador oitenta e nove? A gente precisa encontrar Jennifer!

— E quem se importa com a Jennifer e aqueles retardados com cabelos retardados e rímel de olho? Tem gente que acabou de morrer queimada viva! Na nossa cidade!

Ah, Chip. Você e esse orgulho da sua cidade.

Nesse instante, a campainha tocou. O som foi tão agudo que parecia uma sirene no meu

ouvido.

Comecei a sussurrar guinchando ao telefone:

— Meu Deus do céu! Tem alguém aqui! Tô sozinha, Chip! Vou surtar!

— Cadê sua mãe?

— Trabalhando no turno da noite. Não desliga, tá? Tá bom?

— Tá!

Desci as escadas correndo e depois parei no patamar. Não ouvi nada, só o nosso furão de estimação arranhando dentro da jaula,

— Shhh, Spector! - pedi. Desci degrau por degrau na ponta do pé, estremecendo a cada rangido, depois abri devagar caminho pela cozinha escura e cheia de sombras, tateando o balcão de fórmica. A maldita geladeira zumbia mais alto do que uma serra elétrica. Fui até o corredor e olhei na direção da porta de entrada. Não dava para ver nada pela janela da porta. Devagar me aproximei dali e olhei para fora. Nada. Acendi a luz da varanda. Estava vazia. Apaguei a luz.

— Certo, não tem ninguém lá fora - disse ao celular. - Isso é... muito estranho. Talvez eu esteja ficando louca. Te ligo mais tarde.

— Ei!

Fechei o celular. Quem havia tocado a campainha? Abri o armário do corredor, enfiei a mão lá dentro e afastei os casacos. Uma raquete de tênis caiu e eu pulei meio metro para o alto, mas não havia ninguém escondido ali. Fechei a porta do armário com um clique suave.

Que diabo estava *acontecendo*? Essa era a noite mais estranha da minha vida. Ouvi o zumbido da geladeira. De repente percebi que havia mais um som na cozinha. Um *ping, ping, ping*. Virei-me. Ninguém. Avancei alguns passos para dentro da cozinha e escutei. Agora o som não parecia mais estar ali, mas de novo na porta da frente. *Ping, ping, ping*. Girei, acendi a luz e tornei a olhar para o corredor de entrada. De pé, dentro de casa junto à porta e ensopada de sangue, estava Jennifer.

Ela parecia saída de um pesadelo. A jaqueta branca acolchoada agora era vermelha escura, e sua bota azul direita estava retorcida em um ângulo estranho, como se ela tivesse machucado o tornozelo. O cabelo estava completamente emaranhado. Os ombros estavam encurvados e o rosto, voltado para o chão.

— J-Jennifer?

Ela não disse nada, mas eu continuava a ouvi-la pingando. Percebi que era sangue e que pingava *dela*, caindo da manga da jaqueta e fazendo uma poça no chão de linóleo. Ela ergueu um pouco o rosto. Fiquei arrepiada ao ver que estava sorrindo.

— O que aconteceu? - sussurrei.

Silêncio ainda. Ela olhou para baixo, para os pingos, como se contemplasse o fato de que o sangue estava deixando seu corpo. Depois olhou para cima e voltou a me encarar.

— Jen?

Ela passou por mim abruptamente e foi até a geladeira. Pulei quando ela se mexeu e automaticamente recuei. Era como se uma assombração tivesse resolvido me visitar. Só que a

assombração era Jennifer. Minha BFF. Minha mente disparou. Eu precisava fazer alguma coisa. Precisava ligar para Chip, para minha mãe, para a mãe de Jennifer, para a emergência... para alguém! Ela estava obviamente machucada e precisava de um médico *já!*

Só que aí Jennifer fez algo inesperado, como se alguma coisa pudesse ser *esperada* a essa altura. Ela abriu a geladeira, e, pela luz da lâmpada do interior, eu a vi tirar um frango assado e soltá-lo no chão de linóleo verde. Ela se agachou e começou a arrancar pedaços do frango e a enfiá-los na boca. Aquilo dava um significado completamente novo à expressão *lanchinho noturno*. Eu disse a primeira coisa que me veio à cabeça.

— Hã, Jen... Minha mãe comprou esse frango no mercado de Boston. Eu não posso...

Ela gritou. Estou falando sério, *gritou*. Fiquei arrepiada, e eu meio que desabei na mesa da cozinha. Estiquei o braço para trás e agarrei uma cadeira cromada para me apoiar.

Aí a coisa piorou. Ela vomitou - e não era frango. Uma gosma preta jorrou de sua boca, fazendo o corpo dela inteiro recuar com a intensidade do vômito. Aquilo não era só bile.

Jennifer expeliu a substância mais nojenta e horrorosa que já vi. Era espessa, negra e oleosa, e cheirava como um gambá morto que tivesse apodrecido em um tonel de lixo cheio de Molho Badger durante uma semana. Havia uma tonelada daquilo, no mínimo quatro litros, talvez doze.

Então a gosma preta começou a se... *mexer*. Não sei, acho que estava escuro ali, mas posso jurar por Deus que aquela meleca se mexeu. Pequenos espinhos surgiram ao longo dela, e a coisa deslizou pelo chão e para cima das paredes. Para ser completamente exata, ela *ondulou*. Estava viva. Comecei a me sentir tonta, mas entrei em ação. Agarrei Jennifer e tentei tapar a boca dela com a mão. Eu não ia deixá-la emporcalhar ainda mais a cozinha retro kitsch da minha mãe com aquela gosma preta. Minha mãe tinha levado semanas para achar o tom exato de tinta verde que combinasse os armários com a cor original do linóleo.

Escorreguei um pouco naquela meleca ao agarrar Jennifer. Aí ela caiu de joelhos, levando-me para baixo com ela, e começou a rir compulsivamente. Tentei me afastar, mas Jennifer de repente se virou e me empurrou contra a parede, me prendendo ali. Ela estava tão forte! Eu não conseguia me mexer. Deslizei as mãos pelos braços dela e agarrei seus pulsos. Comecei a entrar em pânico, achando que ela iria vomitar mais um pouco daquela coisa nojenta bem na minha cara. Fechei os olhos com toda a força, e a boca também, tentando imaginar um jeito de, além disso, tapar meu nariz.

Levei vários segundos para perceber algo estranho. Ao segurar-lhe os pulsos, vi que a pulsação dela estava, tipo, extremamente lenta.

— O qu...?

Jennifer aproximou o rosto do meu, depois inclinou a cabeça para acariciar meu cabelo e o lóbulo da minha orelha. Não me entenda mal aqui. Não foi *nada* lésbico. Foi completamente diferente. Era como um animal preparando seu jantar. Senti os lábios dela em meu pescoço, e minha própria artéria pulsar enquanto meu coração acelerava. Senti os lábios dela se entreabrirem e a ponta de seus dentes na minha pele. Mas então seus dentes inferiores se prenderam na corrente de metal ao redor do meu pescoço - a do coração dourado onde estava escrito BFF. Ela hesitou, ainda me prendendo naquele abraço esquisito. Ficou tão imóvel que eu sequer tinha certeza se ela estava ou não respirando.

Aí ela me empurrou e saiu correndo pelo corredor até a porta de entrada. E sumiu.

Não consegui acreditar no que havia acabado de acontecer. Quer dizer, sério, *o que é* que tinha acabado de acontecer? Será que tinha sido um sonho? Uma alucinação? Eu me belisquei. Hã-hã, eu estava acordada.

Virei para olhar a cozinha e vi a montanha gigante de gosma preta no chão. Aquilo estava mesmo ali. E alguém precisava limpar aquela droga antes de minha mãe chegar em casa.

## CAPÍTULO QUATRO

### Além da imaginação

Esfreguei e limpei e vomitei a noite inteira. Aquele cheiro era ruim demais. A gente não tinha em casa nenhuma daquelas máscaras que todo mundo começara a comprar para o caso de um ataque terrorista. Minha mãe sempre achou que, até pegar a máscara do armário e colocá-la, você já teria respirado o que quer que fosse e morrido mesmo. Tentei usar um esfregão, mas ele não era páreo para a gosma. Desisti e passei para os panos de chão. Aquilo levou a noite inteira. O que eu precisava mesmo era de um aspirador industrial. Vi um desses na TV a cabo certa vez. Pelo menos aquela meleca não estava mais se mexendo, se é que já tinha se mexido alguma vez. Quem me dera se tudo aquilo tivesse sido só um produto de uma imaginação hiperativa... mas o saco de lixo cheio de retalhos de esfregão e panos de chão encardidos provavam o contrário.

No dia seguinte, estava no piloto automático ao me sentar na aula de biologia. Além de dolorida, minhas costelas estavam cobertas de hematomas; não sei se da saída pela janelinha ou se do abraço esmagador de Jennifer. Provavelmente dos dois. Mesmo com meus óculos tudo parecia embaçado.

A história do incêndio já tinha se espalhado. Só que nem mesmo o respeito pelos mortos era capaz de manter as garotas da minha sala em silêncio. E eu não tinha forças para virar e encará-las.

— Ouvi dizer que Needy e Jennifer estavam lá e que tiveram de abrir caminho com uma machadinha – sussurrou uma loira atrás de mim.

— Olhe, ela não ta nem se mexendo! – respondeu a outra.

— Isso se chama estresse pós-traumático – disse a loira, um pouco mais alto. – Meu pai participou da Operação Liberdade Duradoura e...

— E aí, Vodol?

Era ela. Era Jennifer, de pé na minha frente. Na frente da minha mesa de laboratório, sorrindo faceira, com jeito de quem não tinha preocupação alguma nessa vida. Por um instante, só olhei para ela. Quer dizer, eu basicamente achava que ela havia fugido de encontro à morte. Achei que nunca mais a veria de novo. Que ela estava *morta*.

No entanto, ali estava ela: cabelos brilhantes, capuz fofo listrado de amarelo e branco, minijeans com cinto de plástico branco. Para arrematar, um chaveiro fofíssimo de patinho de borracha pendurado no zíper.

— Você... tá tudo bem?

— Claro, por que não estaria? – perguntou ela.

— Mas ontem à noite, lá em casa, você...

Ela fez um gesto impaciente para mim.

— Needy, você adora alucinar. Fiquei meio detonada quando você me arrastou por aquela janela, mas to legal.

Arrastei? Eu salvei a vida dela!

— A gente *tinha* de sair pela janela! O bar tava tomado pelo fogo!

Ela se sentou ao meu lado e revirou os olhos.



— Ai, como você tem tendência a aumentar as coisas. Lembra no acampamento, quando você achou que havia um terremoto e eram só dois caras com um minisystem?

As duas vadias atrás de mim deram um risinho abafado, e Jennifer recompensou sua atenção com um sorriso.

— Um monte de gente morreu, Jennifer – sibilei, acordada o bastante para lançar um olhar mortífero para as vadias. – Morreram queimadas, ou sufocadas, ou pisoteadas. Mais da metade de quem estava lá não conseguiu sair. Tá em todas as manchetes. Do país! As. Pessoas. Morreram.

— Tinha alguém que a gente conhecia?

— A gente conhecia todo mundo!

Ela deu de ombros.

— que droga pra eles, acho.

Ela começou a revirar sua bolsa preguiçada que era cópia de alguma marca e tirou de lá um gloss. Aplicou-o e apertou os lábios para espalhá-lo.

— Qual o seu problema?

— Qual o *seu* problema? – rebateu ela. – Quer dizer, além das óbvias imperfeições superficiais. Esfreguei os olhos e depois reparei em minhas mãos. Havia sangue e gosma preta embaixo das minhas unhas. Eu sabia que tinha sido real. Passei a noite inteira esfregando a carnificina do linóleo. Não conseguia entender por que ela estava fingindo que nada havia acontecido.

— Merda.

Sem perceber, falei em voz alta.

— Não fale sozinha – repreendeu Jennifer. – É outra daquelas manias pavorosas de Needy, e faz a gente parecer duas babacas.

Eu me virei para ela e ergui as unhas, querendo fazê-la enxergar o sangue seco. Antes de ter a chance de implorar que ela agisse como um ser humano, ela torceu o nariz.

— Ecaaa! Você precisa de uma manicure *urgente*! Se eu fosse você, arrumava alguém pra dar um jeito nessa situação.

Bem nessa hora, o Sr. Wroblewski entrou na sala, farfalhando até a frente. Ele tinha uma mão robótica que era simplesmente horripilante. Ninguém sabia direito o que havia acontecido com sua mão verdadeira.

— Tenho certeza de que vocês que estão aqui hoje já ouviram as notícias sobre o incêndio devastador – começou ele. – Hoje é um dia negro, muito negro para Devil's Kettle, e acreditem, eu já passei por coisas pesadas. – Ele ergueu um pouco mão de garra no ar. Todos nós a olhamos.

Ouviu-se um soluço nos fundos da sala. Ao me virar, vi Jonas Kozelle chorando como um bebê, ensopando de lágrimas seu caderno que na capa trazia uma modelo de biquíni. Jonas, o maior brutamontes do futebol americano de Kettle hough, não era nada privilegiado no quesito cérebro. Eu o conhecia, mas só um pouco. Ele era vizinho de Chip.

Jennifer bufou, tentando conter a risada. Olhei para ela.

— A direção da escola decidiu que hoje será um dia improvisado de apoio e consideração. Perdemos oito alunos inestimáveis, incluindo Ahmet, da Índia; além de vários pais e de nossa amada professora de espanhol, Señorita O'Halloran.

Ele engasgou um pouco no final. Pisquei para afastar algumas lágrimas, por Ahmet.

— Fala sério! – disse Jennifer. – O’Halloran foi pro saco?

— Shhhh! – interrompi-a.

O Sr. Wroblewski se recobrou o suficiente para prosseguir:

— Essa tragédia é obviamente inevitável. Mais do que nunca, precisamos nos unir e apoiar uns ao outros. Deixem de lado suas preocupações adolescentes sobre quem é um cara descolado ou quem é uma galinha. Precisamos nos unir e funcionar com uma grande unidade. Ao meu lado, Jennifer começou a dar risadinhas e tentou disfarçar com um acesso de tosse. Realmente essa *era* uma escolha infeliz de termos, Sr. W. Alguns minutos se passaram e em silêncio, enquanto ele tirava um lenço de papel do bolso com a garra e o passava sobre os olhos. De repente ele gritou:

— Não podemos deixar esse maldito incêndio nos derrotar!

Esperei pelo que sabia que estava a caminho.

— Já derrotou! – gritou Jennifer.

— Que Deus os abençoe, filhos.

O professor sorriu e sentou-se, soluçando.

Jonas agora chorava descontroladamente. Um nerd minúsculo se inclinou e o abraçou.

Provavelmente aquela era a única vez que eu veria aquilo acontecer.

— Ah, olhe só, eles se uniram na dor – comentou aquela ao meu lado com o coração de pedra.

O sinal tocou e eu saí correndo dali. Precisava conversar com alguém normal, que fosse capaz de me dizer que eu não tinha enlouquecido. Corri pelo corredor e virei a esquina até o armário de Chip. Graças a Deus, ele estava ali, enfiando umas baquetas na mochila.

Ele olhou para cima quando eu parei, quase a tempo de esbarrar nele.

— Hoje não vai ter ensaio da banda – avisou ele.

— Não vai ter nada.

— É surreal, né? – Ele balançou a cabeça. – Quer dizer, quando uma única pessoa morre em Devil’s Kettle, é como se o tempo parasse.

Eu me apoiei nele.

— Eu me sinto culpada pelo simples fato de estar respirando – disse, com um suspiro.

— Falou tudo.

Chip fechou o armário e pôs a mochila por cima do ombro. Era bom ter alguém que me entendia. Mas eu precisava que ele entendesse tudo.

Caminhei com ele pelo corredor.

— Chip, preciso contar uma coisa meio estranha. É Jennifer.

— O quê?

Eu interrompi e o puxei para a parede, para poder falar mais baixo.

— Sabe a noite passada, quando a gente tava falando ao telefone e alguém chegar na minha casa? Era Jennifer. Mas ela não disse nada. Só ficou ali parada, sorrindo, um sorriso meio maligno. Dava a impressão de que ela tinha sido espancada ou algo assim. Estava toda coberta de sangue! Aí ela vomitou a gosma mais nojenta do mundo, algo como uma mistura de bicho morto de estrada e agulhas de costura. – Estremeci um pouco. Só de me lembrar daquele cheiro, a bile subiu pela minha garganta.

— Eca. Como aquelas almôndegas de porco-espinho que minha mãe faz? Com arroz meio pra

fora?

— É! Quase tão ruim quanto isso!

Sério, você nunca vai saber o que é ter vontade de vomitar até ser obrigado a comer as almôndegas da mãe dele.

— Provavelmente foi porque ela inalou muita fumaça – arriscou Chip, tentando ser compreensivo.

— Não – balancei a cabeça. – Era algo do mal.

Eu sabia que era. O fedor daquela coisa preta era pior do que gambá, ou cocô, ou qualquer coisa natural. Era realmente algo mais podre.

— Acho melhor você ir conversar com o psicólogo da escola, Needy. Não tô dizendo isso pra ser um mala, mas tô meio preocupado.

Ele deu um tapinha no meu braço.

— Chip, eu não invento histórias e não tô maluca.

— Não disse que você tá maluca, mas tá todo mundo meio abalado com o que aconteceu. Não tem problema nenhum se sentir...

— Sem chão?

Olhei para cima e vi Colin Gray andando na minha direção. Colin era um cara bacana, mas era adepto do lance gótico, com lápis de olho, esmalte preto e um monte de braceletes cheios de tachas. Ele tinha até um piercing no lábio inferior, mas sempre desconfiei que era falso.

Quer dizer, aqui é Devil's Kettle, a mãe dele iria matá-lo.

— Oi, Needy – cumprimentou.

— Ah, oi, Colin.

Senti Chip se aproximar de mim possessivamente.

Colin se inclinou e sussurrou de forma teatral:

— Ouvi dizer que você tava lá ontem à noite. Nas trincheiras cruéis.

Certo. O gótico queria saber das mortes e tudo o mais. Bom, eu não ia entrar nesse jogo.

— Ah, é – respondi.

Ele esperou, mas eu simplesmente fiquei encarando-o.

— Bom, que bom que você não morreu. Sério.

Ah, isso foi fofo! Ele estava mesmo sendo sincero.

— Valeu!

Enquanto ele se afastava, Chip olhou para ele desconfiado.

— E desde quando você é amiga de Colin Gray? Achei que Colin Gray só falasse com as Garotas Mortas.

Não consegui evitar olhar para as garotas no corredor, todas vestidas de preto, com tachas, couro e o pacote completo. Os góticos formavam seu próprio clube ou algo do gênero. Só que um dia as garotas piraram com alguma coisa e todas viraram feministas, declarando que agora eram as Garotas Mortas. Fizeram leituras de poesia na lanchonete da escola e uma delas até tocou acordeão para acompanhar a leitura. Acho que se chamava Trish.

— É, sou – disse eu. – a gente tá na mesma aula de redação de não ficção. Ele escreve muito bem. Você sabe, ele é todo *dark*, sensível e tal.

— Ah. Entendi. Eu também sou, mesmo que não fique aí fazendo tipo desse jeito óbvio.

Sorri para Chip e ajeitei seu cabelo, colocando-o atrás das orelhas. Era tão bonitinho que ele

sentisse ciúmes.

— Me leva em casa?

— Nem precisa pedir, baby.

Ele pôs o braço ao meu redor e andamos até a saída.

Estava absurdamente quente para o mês de fevereiro em Devil's Kettle, mas era o aquecimento global, certo? A neve já tinha derretido, deixando à mostra as folhas que ninguém limpou do chão no outono passado. Enquanto andávamos pela cidade, fazendo estalar as folhas molhadas, Chip procurava me fazer sentir melhor.

— O negócio é que eu não tô confundindo nada! Nem de leve. Eu me lembro de tudo em detalhes de altíssima precisão. Da banda, do incêndio, tudo. Principalmente do que rolou depois.

— Esse “depois” é a parte que eu não tô entendendo.

— Por favor, preciso que alguém acredite em mim. Jennifer tava... destruída. Morrendo na minha porta de entrada, Chip. Eu vi. Usei meu treinamento de RCP pra checar o pulso dela. E eu senti que ela estava morrendo – por dentro, quero dizer. Eu a conheço há tanto tempo que é como se às vezes eu fosse capaz de sentir o que ela sente. Como E.T. e Elliott.

— Acredito em você – disse ele e apertou minha mão. Era o que eu precisava ouvir.

— Valeu, Chipper.

— Nossa – falou ele, olhando para baixo –, sua mão tá quente pra caramba!

Olhei para a minha mão. Eu realmente me sentia cansada, talvez meio acalorada. Ficar de pé a noite toda não tinha me feito bem.

— Hã... acho que talvez eu esteja ficando doente.

— Você vai ficar bem – disse Chip. Ele me deu um abraço grande e eu o apertei de volta com toda a força. Era bom ouvir alguém dizer isso.

Mesmo que fosse uma mentira total e completa.

## Capítulo 5

### Pode Começar a se Assustar

Quando cheguei em casa, soltei Spector da sua jaula e o levei até a cozinha. Nem dava para perceber que alguém havia vomitado meleca preta em tudo ontem à noite.

— Quer um sanduíche de mortadela frita, Spector?

Ele simplesmente correu pelo chão para perseguir uma bola. Acho que não estava com fome.

Tirei o pão e a mortadela da geladeira e coloquei uma frigideira no fogão. Quando o sanduíche estava chiando com um pouco de manteiga, liguei o rádio da cozinha.

Adivinhe que música estava tocando?

*Curar os destroços que restaram em você.*

Coloquei a espátula de lado e me afastei do fogão. Não tinha certeza do que fazer. Ouvir aquela música de novo... me senti encurralada. Por sorte terminou, e o DJ começou a falar.

— Vocês acabaram de ouvir o Low Shoulder, os caras da banda local que se tornaram os heróis improváveis da tragédia que aconteceu em Devil's Kettle ontem à noite.

Quê? Heróis? Não. Desliguei o fogão e apanhei um prato do escorredor, enquanto ouvia.

— Testemunhas oculares afirmam que os garotos ajudaram inúmeras pessoas a escaparem do inferno, arriscando suas próprias vidas. Isso é que é rock'n'roll com consciência, senhoras e senhores.

Aí está. Foi por isso que eu insistira tanto antes em contar aquela parte da história. Aqueles canalhas não pensaram em ninguém além de si mesmos!

Coloquei o sanduíche no prato e cortei-o na diagonal devagar. Será que todo mundo nessa cidade enlouqueceu? Será que eu era a única que realmente se lembrava do que aconteceu ontem à noite?

— Tivemos muitos pedidos desta música. E adivinhem quem temos a honra de ter no estúdio agora? Low Shoulder! E aí, como estão, rapazes?

Ah, isso seria bom. Dei uma mordida na mortadela e mastiguei devagar, enquanto Nikolai respondia.

— Estamos indo, cara. Não é fácil. Mas os verdadeiros heróis são o povo de Devil's Kettle. Espero que a gente consiga reunir um décimo de sua coragem e atitude no nosso próximo álbum...

Desliguei o rádio. Não conseguia escutar mais nada. Sentei-me e deixei o resto do meu sanduíche cair no chão. Spector tornou a aparecer e começou a mordiscá-lo. De repente eu não me sentia nada bem. Estava meio enjoada. Talvez estivesse com gripe.

Minha mãe entrou na cozinha de pijama.

— Mãe! Não sabia que você tava acordada!

— Tive um daqueles meus pesadelos noturnos.

Ela olhou ao redor da cozinha, piscando.

— São quatro da tarde, então tecnicamente você teve um pesadelo diurno.

— Certo, certo. Estou toda confusa depois que comecei a trabalhar no turno da noite de novo. Minha mãe se sentou à mesa em uma cadeira de vinil laranja e verde. Parecia tão cansada. Seu cabelo com bobs estava desganhado, e havia mais grisalho naquele loiro claro do que o

normal.

— O que você sonhou? - perguntei.

— Sonhei que algumas pessoas más estavam tentando pregar você em uma árvore com martelos e estacas grandes. Como Jesus Cristo. - Ela se benzeu. Minha mãe ain-da freqüentava a igreja. - Mas eu não os deixei pegarem minha filha! Sou uma mamãe ursa durona!

Sorri para ela. Era a melhor mãe do mundo, que me protegia até em sonho.

— Eu sei cuidar de mim mesma - garanti.

Desde que meu pai nos abandonara, eu meio que cuidava de mim. Sabia que já era difícil o suficiente para ela conseguir dar conta de ir trabalhar.

— Espere só - disse minha mãe. - Um dia desses você vai gritar por mim e eu não estarei lá. Ela agarrou uma de minhas mãos e a apertou. Odiava ter de fazer isso quando ela estava tão cansada, mas ela precisava saber.

— Ei, mãe, você ouviu o noticiário antes de ir dormir hoje de manhã?

Ela observou Spector tirar a mortadela de dentro do sanduíche e levá-la até um canto, enquanto eu lhe contava tudo. Bem, contei do incêndio e que pessoas morreram. Não precisava preocupá-la com *todos* os detalhes.

Naquela noite, depois que minha mãe saiu para trabalhar, eu me sentei no quarto e tentei ler uma história em quadrinhos que Chip tinha me emprestado. Mas na maior parte do tempo só enfiei um biscoito atrás do outro na boca. Depois de ter passado mal mais cedo, eu agora me sentia muito melhor e estava morta de fome. Comia tão rápido que mal mastigava. Podia comer chips sabor cedro do jardim que não veria a menor diferença. Acabei com o saco de biscoitos e o sacudi na minha escrivaninha, procurando por algum pedacinho de chocolate que talvez tivesse escapado,

Meu celular tocou. Era Jennifer, e o rádio dela tocava tão alto aquela Top 40 repugnante que eu mal conseguia escutar o que ela estava dizendo.

— Eu me sinto tããão bem!

— Que bom pra você.

— Sabe quando você beija um cara pela primeira vez e todo o seu corpo parece vibrar?

— Sei.

— É bom assim.

Era inacreditável.

— Que legal. Eu... ainda tô meio deprimida com tudo o que aconteceu. Sabe, a pira funerária gigantesca ardendo no meio da cidade?

— Sai-dessa-ponto-com, Needy! Já era. A vida é muito curta pra ficar triste com um churrasco de porcos pobretões imundos.

— Que legal da sua parte, Jen - retruquei, áspera.

— Só estou explicando como as coisas são. Além do mais, você devia estar contente por mim. Esse é o melhor dia da minha vida desde que inventaram o calendário. - Então ela riu como uma pessoa insana. Havia algo seriamente errado com ela. Alguém tinha levado a minha melhor amiga embora e deixado um andróide no lugar.

O bipe da chamada em espera tocou. Salva pelo gongo.

— Tem alguém na espera - falei.

— Deixe pra lá! - disse ela. Em qualquer outro dia era o que eu provavelmente faria, mas ela estava me tirando do sério.

— Só um segundo.

— Buuu, vou riscar você da minha lista.

Eu a ignorei e cliquei para atender a outra chamada. Era Chip, e parecia muito assustado.

— Preciso ver você agora mesmo! - gritou ele, em meio ao som de várias teclas tocadas no piano com força, em desarmonia. Devia ser a irmãzinha dele, Camille. Às vezes ela era um saco.

— Não tô conseguindo escutar direito! - gritei

— Camille tá tocando piano - explicou ele.

Ahá! Eu tinha razão. Depois eu o ouvi mandar ela parar com aquilo, então a menina disse para ele parar com aquilo.

— Pode me encontrar no McCullum daqui a dez minutos? - perguntou ele ao telefone.

— Quinze - respondi.

Depois apertei a tecla para voltar para a outra ligação, enquanto a irmã dele continuava a gritar.

— Jen, tenho de ir.

— Sou uma deusa - disse ela, satisfeita.

Eu não tinha tempo para esse tipo de maluquice.

— Hum, tá, mas preciso ir encontrar Chip no Parque McCullum.

— Sabe que Chip anda uma graça ultimamente? Me diga uma coisa, ele anda malhando ou algo assim? Qual é a jogada, hein?

Ai. Meu. Deus. Eu absolutamente não podia lidar com Jennifer se interessando por Chip. Ele era a única coisa que era *minha*, não dela.

— Preciso ir - disse e desliguei.

Fiquei sentada um minuto, rezando para ela esquecer do Chip e deixá-lo em paz. Depois me levantei e peguei um suéter.

Dez minutos depois eu estava no parque. Havia uma quadra de vôlei e um gramado, além de um estacionamento com chão de cascalho. O mato rodeava tudo, e as árvores faziam o lugar ficar bem escuro à noite. Era um ponto famoso de pegação, mas Chip não tinha parecido com tesão ao telefone.

Subi o morrinho nos fundos do gramado e lá de cima vi que estava acontecendo alguma coisa embaixo, perto das casas. Havia um monte de carros de polícia com as luzes rodando, e o local estava todo protegido com fita amarela de isolamento. Chip estava ali de pé, olhando os carros de polícia. De repente me dei conta do que eu estava vendo.

— Por que os policiais estão aqui na sua casa? - perguntei, agarrando o braço dele em pânico. Seu braço era sólido. Eu disse ao meu cérebro: Chip está aqui, Chip está bem, não entre em pânico.

— Na minha, não. Na de Jonas Kozelle.

Ah, era o Jonas. Bom, isso era normal, na verdade. Relaxei um pouco.

— O que foi? Ele tentou vender peiote falso pros alunos do oitavo ano de novo?

— Não, Needy. - Chip engasgou um pouco. - Ele foi assassinado.

Apertei de novo seu braço.

— *O quê?!*

— Ai - murmurou Chip, tirando minha mão do seu braço e segurando-a. Ele respirou fundo para se controlar e me contou o que sabia.

Alguém destroçou o Jonas membro por membro no mato atrás da escola. E... comeu partes dele.

— Comeu partes dele? - repeti, chocada. Alguém comeu Jonas Kozelle? - Quem faria isso?

— Não sei - sussurrou Chip. - Aconteceu logo depois das aulas. Ninguém pode saber ainda, mas meu pai foi lá falar com os policiais. A mãe de Jonas ficou catatônica ou algo do tipo. Ela só consegue ficar olhando pela janela como uma estátua-robô-manequim-zumbi.

Agora que ele disse isso, eu consegui ver uma forma na janela da frente da casa dos Kozelles. Isso estava além dos limites

— Não pode ser coincidência - falei, com firmeza.

Chip me encarou.

— Como assim, Needy?

— Uma armadilha mortal ontem à noite e agora um canibal maluco come o maior cara da escola? Dá um tempo!

— Não me assuste, baby - disse Chip.

Ele realmente parecia assustado. Mas eu estava ficando irritada.

— Dá um tempo, Chip. Na maioria das cidadezinhas acontece uma tragédia a cada década, talvez. E em Devil's Kettle dois pesadelos acontecem em 24 horas? Isso é de dar medo!

— Como assim? Você acha que é algo sobrenatural?

Fiz que não.

— Não sei. Sou extremamente inteligente, mas é claro que não sei tudo. - Sorri meio amarelo e dei de ombros.

— Bom, agora a maré de azar já deve ter passado, certo? Não pode piorar, né? É claro que não. Claro que não pode. Quer dizer, você concorda, né? Não vai mais ter nenhuma vítima.

Chip de repente estava seriamente surtando.

— Você tá tremendo! - repreendi.

— Hã, tô com frio - respondeu ele, controlando-se. - Tá muito frio aqui fora.

Tentando animá-lo um pouco, ofereci meu suéter.

— É rosa! - reclamou ele.

— Rosa é demais - argumentei. - Os rappers usam rosa.

Agora quem estava tremendo era eu. Não estávamos conseguindo consolar um ao outro.

Estávamos apavorados. Chip me puxou para perto e me beijou. Enquanto ele me abraçava, tentei encontrar alívio em seus braços, mas não iria funcionar. Sentia nos ossos que algo muito, muito pior estava para acontecer.



## CAPÍTULO SEIS

### Encontro às escuras

Na semana seguinte houve uma vigília à luz de velas nos escombros do Melody Tavern. A cidade em peso apareceu, segurando velas espetadas em copos de plástico. A cerca laranja que a polícia colocou em volta dos entulhos esturricados virou um quadro de recados para um santuário. Cruzes brancas, baldes de flores, ursinhos de pelúcia e fotos foram empilhados contra o plástico. Era como se a princesa Diana tivesse estado dentro do bar.

Jennifer não deu as caras e minha mãe teve de ir trabalhar. Chip e eu ficamos afastados da multidão, e, sinceramente, não ficamos muito tempo. As pessoas começaram a cantar aquela música maldita e simplesmente não dava para ouvir aquilo sem ter vontade de vomitar.

*E as estrelas irão lembrar de você.*

Também fizeram um funeral para Jonas. Eu nem iria; não era como se eu tivesse sido amiga dele e não queria ser uma daquelas *groupies* de enterro que ficam chorando por alguém com quem elas nem falavam quando era vivo. Mas Chip era vizinho de Jonas e queria que eu fosse com ele para dar apoio moral.

Eu nem devia ter me preocupado, porque praticamente a escola inteira apareceu. Não foi um evento do tipo íntimo. Ouvimos dizer que quem achou o corpo de Jonas foi o Sr. Wroblewski. Ele estava sentado lá na frente, chorando como um bebê. Coitado do Sr. W. Era um cara bastante sensível.

Daí todo mundo voltou para a escola. A vida voltou ao normal, mas a maioria de nós estava anestesiada demais para se divertir. A maioria. Jennifer ainda se pavoneava pelos corredores de Kettle High como uma rainha. Era como alguém em Technicolor, em comparação com o nosso cinza. Imagine a garota de capuz rosa e um chaveiro fofo com uma Barbie Jennifer. Só que, claro, uma versão morena da Barbie. Aquela que eles nunca fabricam em grande escala, e então vira uma raridade.

O povo da escola enfiou flores pelas aberturas do armário de Jonas e deixou mais ursinhos de pelúcia no chão. As flores acabaram morrendo, mas ninguém as tirou dali. Os botões murchos simplesmente continuaram lá, apodrecendo. Já estávamos quase no fim de março e a polícia não tinha encontrado ninguém para pender pelo assassinato.

Para o resto do mundo, éramos famosos. Devil's Kettle finalmente passou a existir no mapa. Nosso único bar tinha queimado até as cinzas e nosso zagueiro do time de futebol americano, virado lanche de alguém. O país inteiro embarcou numa onda trágica gigantesca por nós, e todos os jornais publicavam manchetes sobre nosso “incêndio horrendo” e nosso “assassino canibal”. Havia uma câmera e um repórter em cada esquina da cidade e ao redor da escola. Os Estados Unidos não se cansavam de ver os caipiras locais chorando na frente das câmeras.

Depois de mais ou menos um mês, notei que Jennifer já não parecia tão acesa quanto antes. Na maior parte do comportamento dela depois do incêndio. Mas um dia, na aula de biologia, eu realmente olhei para ela. Vi que sua pele parecia cinzenta e que ela estava mais magra do que o normal – de um jeito doentio. Ela estava com umas olheiras gigantescas. Comecei a achar que, no fim das contas, talvez ela tivesse um coração; talvez finalmente tivesse se dado conta da tragédia.

— Gostaria de dar um aviso – disse o Sr. Wroblewski. – Como vocês sabem, hoje faz um mês então desde a tragédia no Melody Lane e do assassinato de Jonas Kozelle.

Jennifer estava com seu uniforme roxo de líder de torcida, inclinada sobre a mesa e segurando a cabeça entre as mãos.

— Que tééééedio – resmungou ela, mas dava para ver que não era sicero.

— Tá tudo bem com você? – sussurrei.

O Sr. W. pigarreou.

— Como eu estava dizendo, Needy e Jennifer, até que enfim tenho boas notícias para compartilhar com vocês. Os integrantes da banda de rock Low Shoulder decidiram estender uma mão amiga à nossa comunidade.

O resto da turma tinha virado superfã daqueles nojentos da noite para o dia. Chastity, que estava sentada na minha frente com uma camiseta do Low Shoulder, se empertigou para chamar a atenção, como se fosse participar do exército de reserva da banda ou algo do tipo.

— Como vocês sabem, a música “Through the Trees” do Low Shoulder se tornou nosso hino não oficial de união e cura. Por isso, eles irão lançá-la como im single beneficiente. Três por cento dos lucros serão destinados às famílias que foram afetadas pela perda.

Os outros babacas da sala já estavam sussurrando entre si, como se o próprio Papai Noel estivesse vindo visitar a cidade. Eu não estava nem um pouco impressionada.

— E os outros 97 por cento? – perguntei.

O Sr. W. me olhou com expressão vazia:

— Perdão?

— Os outros 97 por cento. Quer dizer, isso é inescrupuloso, certo? – Olhei em volta, mas ninguém estava entendendo. – Inescrupuloso? Quer dizer “mau-caráter, explorador, sem-vergonha”. Será que eu sou a única que faz os exercícios de vocabulário?

— Sim – respondeu o Sr. Wroblewski.

Chastity se virou para fazer pouco caso de mim.

— Os caras do Low Shoulder são heróis nacionais, Needy.

— Não. Não são. Eu tava lá, Chastity. Eles não ajudaram ninguém a fugir no incêndio. Nem sei como foi que esse boato começou!

— Boato? – gritou ela. – *Boato?* É a pura verdade! Tá na Wikipédia!

Olhei para Jennifer em busca de apoio, mas ela já havia apoiado a cabeça na mesa e estava totalmente em outra.

Quando o sinal tocou, eu a segui pelo corredor.

— Sem querer ofender, mas você ta parecendo meio cansada – falei. – Tá tudo bem?

— Não, sinto vontade de chorar. Minha pele ta rachando. Meu cabelo está opaco e sem vida. É como se eu fosse uma dessas meninas normais!

Enfiei uma mecha do meu cabelo “normal” atrás da orelha.

— Você ta com TPM ou algo assim? – perguntei.

— A TPM não existe, Needy. Foi inventada pela mídia machista para fazer a gente parecer maluca.

Só fiquei olhando para ela bem de perto, através dos meus óculos. Ela realmente estava horrorosa.

— Não me olhe assim! Tô bem – disse ela. – Só ta acabando ou algo do tipo.

Acabando? Nessa hora me ocorreu uma ideia que seria capaz de explicar aquilo tudo.

— Você anda fumando baseado?

— Não! Esqueça o que eu disse.

Colin Gray se aproximou para me dizer oi. Ele estava com um capuz roxo de listras pretas. Até os góticos da nossa cidade usam capuz. Era o uniforme não oficial de Devil's Kettle. Depois ele olhou nervosamente para Jennifer e guinchou um “oi” para ela, também.

— E aí, Colin – respondeu Jennifer. – Posso copiar seu dever de casa da aula de inglês? Não consegui terminar *Hamlet*. Ele vai pra cama com a mãe?

Fiquei atônita. Primeiro, porque Jennifer nunca tinha falado com Colin antes. Nunca. Depois, porque ela sempre copiava meu dever de casa de inglês!

— Não, acho que não – respondeu Colin. – Na verdade, eu meio que estava a fim de perguntar uma coisa pra você.

— Ah, quer saber se eu topo sair com você.

— Não... bom, é. Como é que você sabia? – Ele ficou remexendo seu bracelete de couro preto. Não dava para acreditar que aquela conversa estava acontecendo. Eu devia estar sonhando. A única coisa que eu conseguia fazer era olhar de um para o outro, sem acreditar.

— Vai, pode soltar o verbo – incentivou Jennifer.

Ele respirou fundo para se acalmar e depois começou:

— Bom, a gente anda se divertindo muito na aula, você e eu, por isso achei que a gente podia sair para ir ao cinema ou algo assim. Fim de semana que vem vai ter uma sessão de meia-noite do *Rocky Horror*.

— Não curto filmes de boxe – respondeu Jennifer.

— Esse não é um... – começou a corrigir Colin. – ah, deixa pra lá.

Ele se recompôs bem na hora e recuou. Começou a andar apressado pelo corredor, todo rejeitado.

— Hum, isso foi inesperado – comecei.

— Ah, sei lá, to acostumada com os caras me chamando pra sair – respondeu ela, dando de ombros. Isso era óbvio, mas mesmo assim eu ainda estava chocada pelo fato de Colin tê-la convidado para sair. Para ser sincera, sempre achei que ele era meio afim de mim. E desde quando um gótico reúne coragem para convidar a líder de torcida para sair?

— Colin é um cara muito legal – falei com cuidado.

— Ele curte Slipknot. Usa esmalte de unha. Minhas bolas são maiores que as dele – disse ela, fazendo pouco caso.

— Bom, eu acho que ele é bem legal – afirmei, defendendo-o sem pensar. Ela me olhou, subitamente interessada.

— acha, é? – perguntou ela. Olhou pelo corredor para a figura dele, que se afastava. De repente Jennifer gritou:

— Colin! Espere aí!

Ele parou e se virou.

— Ei, por que você não dá um pulo lá em casa hoje à noite? – gritou ele. – Acabei de alugar *Aquamarine* em DVD. É sobre uma garota que é meio sushi ou algo assim.

O rosto dele se iluminou. Era um pouco esquisito vê-lo sorri.

— Legal! – respondeu Colin. – Falou!

— Te mando uma mensagem de texto com meu endereço – avisou ela.

— Beleza!

Daí saiu correndo, antes de ela ter tempo de mudar de ideia. Eu estava fora de mim. Não dava para acreditar na audácia dessa garota. Ela não estava nem aí para Colin! Só queria mostrar que ele já pertencia a ela!

Não queria que eu o tivesse!

Chip apareceu por trás de mim e pôs o braço ao redor dos meus ombros. Pulei de susto.

Estava tão concentrada na historinha que se desenrolava na minha frente que nem vi quando chegou.

— E aí?

— Oi, Chip – disse Jennifer, ainda no modo sedutor.

Abracei a cintura de Chip e o puxei para mais perto.

— Eca, arrumem um quarto – disse ela, depois de afastou. Meus ombros se afundaram de alívio.

— Batendo papo com seu “amigo” Colin Gray de novo? – perguntou Chip.

— Não, ele só tava convidando Jennifer pra sair.

Chip pareceu aliviado, o que fez meu coração dar um salto. Ele me amava de verdade. Jennifer não conseguiria roubar *Chip* de mim. Eu o apertei.

— Você vem hoje à noite? – quis saber ele.

— Com certeza, vai ser legal.

— Comprei camisinhas no SuperTarget – sussurrou ele, todo orgulhoso. Ergui a sobrancelha.

— Hã... não que isso tenha alguma coisa a ver com o fato de você vir hoje à noite.

Lóóóógico, Chip. Mas tudo bem. Desde que ele só as comprasse para mim.

Naquela noite eu me balançava no colchão de água de Chip, rolando suavemente com as ondas. O quarto dele era muito aconchegante. Eu me sentia segura ali. As paredes tinham revestimento de madeira... bom, revestimento de madeira falso. Ele havia pendurado pôsteres de bandas de rock em todo canto. Eu me recostei na cabeceira de veludo cotelê marrom e atirei languidamente um dardo na mira. Chip inclinou-se na direção da parede e pôs um daqueles aromatizadores na tomada.

— É pra criar um clima - explicou ele. - O nome é Joia de Jasmim.

Depois ele se aproximou e me beijou, fazendo o colchão me balançar tanto que atingi seu nariz. Ajeitei a posição e voltei a beijá-lo.

— Minha mãe tem uns aromas especiais, também, se você estiver interessada.

— Não - respondi. - Esse tá bom.

Não demorou muito para Chip ficar sem camiseta e eu só com meu sutiã branco simples. Ele sacou uma camisinha laranja fluorescente.

Olhei para a embalagem.

— Turbilhão de Sensação? - li no invólucro.

— Diz aí que faz a garota sentir mais prazer - respondeu ele, acanhado. Ele era um doce...

— Legal - disse eu, e voltei a beijá-lo.

À medida que as coisas foram avançando (não vou contar todos os detalhes! Isso é particular!), comecei a me sentir muito esquisita. Era como se eu sentisse fome dele, mas não

era uma fome boa, sensual. Era uma coisa meio feroz; eu me senti meio violenta, algo assim. Era como se eu estivesse possuída por outra pessoa. Eu o agarrei com tanta força que meus dedos afundaram na sua pele e comecei a chorar. Eu me sentia completamente controlada por outra pessoa.

Do nada, puxei Chip para perto e mordi-lhe o ombro. Com força, Ele estremeceu e se afastou.

— Que foi? Tô te machucando? - perguntou ele, preocupado.

Comecei a soluçar. Depois a gemer. Era como uma experiência fora do corpo. Eu não fazia idéia do que estava acontecendo comigo e não conseguia me controlar. Comecei a ver coisas.

Gosma preta descendo pelas paredes, entrando pelas janelas, com espinhos crescendo.

Caveiras, demônios... era como a pior espécie de viagem de ácido que se poderia ter. Quer dizer, acho que era. Nunca tomei ácido. Enfim, eu estava assistindo ao meu próprio filme de terror. Vi gente queimando viva. Então gritei.

Esfreguei os olhos freneticamente e Chip começou a me sacudir.

— Needy, o que tá acontecendo?

Eu continuava gritando. Estava ficando sem voz, e meus gritos, roucos e falhos. Saí com dificuldade da cama e comecei a vestir minhas roupas. Tive a sensação de que estava tendo um derrame e pus as mãos na minha garganta.

A essa altura Chip já estava bem preocupado.

— Foi algo que eu fiz? - perguntou ele, - Você precisa de mais preliminares?

O pobre rapaz achava que era ele que estava me fazendo mal. Então a verdade me atingiu de uma só vez: era *ela*.

Andei até a porta.

— Needy! - gritou ele.

— Preciso ir - falei com voz áspera. Parecia a voz de uma fumante de oitenta anos que morava em uma casa com vinte gatos. - Desculpe, tô sentindo que alguma coisa... alguma coisa horrível...

— Sentindo...? - Chip parecia completamente perdido, - O que isso quer dizer, afinal? A gente não precisa continuar. Ei, tô preocupado com você!

Ele se inclinou na minha direção e começou a sair da cama. Ergui a mão para interrompê-lo.

— Foi mal, Chip. Desculpe mesmo. Tá tudo errado.

Saí do quarto, deixando o pobre rapaz nu.

Pulei para dentro do carrinho importado minúsculo da minha mãe e bati a porta. Minha mão tremia tanto que era difícil conseguir dar a partida. Finalmente consegui fazer o motor funcionar e o rádio ganhou vida, bem alto. Aquela música maldita estava tocando de novo!

*Que nós vamos nos reencontrar...*

Bati no painel com os punhos fechados.

— Meleca! Meleca e mais meleca! - gritei. Estava histérica e não deveria dirigir para lugar nenhum, mas engatei a primeira, pisei no acelerador e saí guinchando do meio-fio.

A rua estava completamente escura. As árvores se iluminavam com os faróis do meu carro à medida que eu seguia a toda, descuidadamente, pela estrada. Enxuguei as lágrimas dos olhos e respirei fundo. Tentei me concentrar nas faixas de sinalização da estrada e ficar entre elas.

Algo brilhante de repente surgiu das sombras e a imagem se cauterizou em meu cérebro. À direita, sob as árvores, saiu uma figura que andou até o meio-fio. Era Jennifer, pálida, de

blusinha branca e jeans... com sangue descendo pelo queixo e pelo peito. Ela me deu um sorriso vampiresco. Gritei e virei o volante para a esquerda, fazendo o carro derrapar para fora da estrada. A parte de trás rodopiou e caiu em um buraco. Pisei no acelerador, tentando sair, e me arrisquei a olhar pelo espelho do pára-brisa para a estrada. Nem sinal dela.

Comecei a suar de pânico, Que diabo eu tinha acabado de ver? Era real? Pisei de novo no acelerador. O motor acelerou, mas os pneus rodaram em falso na terra. Mudei para o ponto morto, lembrando que alguém tinha me dito para fazer isso no caso de alguma emergência com o carro, mas nada aconteceu. Voltei a engatar a primeira e olhei para cima, bem na hora de ter o maior ataque do coração na minha vida.

A estrada vazia cintilava ao luar. Tudo estava meio úmido e enevoadado. Um borrão apareceu do nada, era Jennifer voando na direção do parabrisa como uma espécie de morcego gigante maluco ou de criatura metade mariposa, metade mulher. Os braços dela estavam abertos e sua boca escancarada em um grito. Com um *tum* sísmico, ela bateu no para-brisa, despedaçando o vidro. Então se agachou ali, apoiada sobre as mãos, e sorriu para mim através da teia de aranha formada pelas rachaduras. Sorriu com os dentes ensangüentados. Ela era um espírito maligno, uma harpia, um morcego saído do inferno. Era qualquer coisa, *menos* uma garota de 17 anos,

Ouvi um alarme soar a distância... então percebi que era a minha própria voz, gritando de terror. Os pneus finalmente tocaram o chão com um sobressalto e o carro foi lançado para fora do buraco. Jennifer caiu sobre a estrada. Saí a toda velocidade, sem olhar para trás.

Tremia tanto que o carro não parava de chacoalhar para a frente e para trás.

O rádio tinha ficado ligado o tempo inteiro.

— Isso foi, é claro, Low Shoulder. Eles vão tocar em um show beneficente em Devil's Kettle no mês que vem. Isso é que é retribuir à comunidade! Rapazes generosos, vou contar para vocês. Alguém precisava assassinar aquele DJ. Sério.

## Capítulo 7

### Bonecas na Caixa de Areia

Entrei como um furacão em minha casa escura, com as luzes apagadas.

— Mãe! Mãe? Por favor, esteja em casa!

Mas ela, é claro, não estava. Dessa vez ela fazia falta de verdade. Eu precisava dela e ela não estava lá. Afundi no chão da cozinha e me enrolei como uma bola. Não conseguia parar de soluçar. Finalmente fiquei esgotada o bastante para me acalmar e pensar sobre toda essa merda maluca.

Eu sempre tinha sido capaz de sentir o que Jennifer sente, só que nunca com tanta intensidade assim. Eu devia estar sentindo-a quando estava com Chip. Não tinha outra explicação. Mas de onde viera aquela emoção? O que havia acontecido com Jennifer? Por que ela estava toda ensangüentada de novo? Onde ela estava agora? Será que eu tinha atropelado minha melhor amiga e depois fugido? Será que aquilo era minha culpa agora? Será que ela tinha morrido? Uma lembrança saltou na minha cabeça. Uma vez, quando a gente era pequena, estávamos no quintal da casa dela brincando de boneca na caixa de areia.

— *Eu vou ser a Betty Festa Fantástica e você vai ser essa aqui - mandou Jennifer, entregando-me uma boneca nua que não tinha um dos braços e cujo cabelo havia sido todo cortado.*

— *Por que eu tenho de ser Ana, a Feia? - perguntei.*

— *Você pode ser Ana, a Feia ou Kevin. Escolha - respondeu ela, apoiando-se nas mãos para esperar a minha decisão. Só que colocou as mãos para baixo um pouco enfaticamente demais.*

— *Ai! - gritou, - Droga!*

*Ela tentava xingar como uma adulta desde os 5 anos de idade.*

— *Que foi, Jennifer? - perguntei.*

*Ela levantou uma das mãos e vi uma tacha enfiada ali. A gente tinha furado as orelhas das bonecas com tachas para usá-las como brincos. Agarrei a mão dela e devagar tirei o objeto. A mão continuava a sangrar, por isso eu a enfiei na boca e chupei. Era o que eu fazia com minhas feridinhas, por isso achei que iria funcionar para ela, também.*

*Devolvi a mão para ela,*

— *Pronto, Só que a gente devia por um band-aid.*

*Jennifer ficou quieta por um instante. Depois falou com muita solenidade:*

— *Agora somos irmãs.*

*Eu fiz que sim.*

— *Não conte nada a minha mãe sobre isso. Ela vai me levar pra tomar injeção.*

— *Eu nunca entrego você - respondi.*

Meus olhos se abriram. Será que tinha sido o sangue que criara essa conexão? Era tudo tão esquisito. Exigia mais pensamento e menos choro.

Eu me desgrudei do chão da cozinha e cambaleei escada acima até meu quarto. Tirei as calças e o suéter e caí na cama, Ergui a cabeça do travesseiro. Minha cabeça não parava de rodar.

Então de repente ouvi uma voz no meu ouvido.

— Oi.

Sentei de um pulo e acendi o abajur. Sob a luz suave, vi Jennifer ao meu lado. Estava molhada por ter acabado de sair do banho (para lavar toda sujeira, acredito). Usava uma de minhas camisetas. Gritei e pulei para fora da cama, levando as cobertas comigo.

— Já chega de gritaria! Como você é clichê - disse ela. Estava recostada casualmente contra a cabeceira da cama, como se morasse ali.

— Saia!

— Mas a gente sempre dorme na mesma cama quando fazemos festa do pijama - argumentou com uma piscadela. De repente, me senti cansada demais para continuar lutando. E ela tinha razão; eu tinha de parar de ficar gritando. Devagar afundei de volta na cama. O que eu deveria achar? Numa hora Jennifer aparece coberta de sangue, voando pelos ares; na outra, ela está toda alegre no meu quarto. Eu só queria a minha melhor amiga de volta.

Ela se inclinou e tocou o meu queixo com ternura.

— Viu? Eu não mordo.

Eu estava tremendo. Ela me enlaçou em um abraço apertado. Pude sentir seu coração de BFF pressionando minha bochecha. Eu também estava usando o meu. Não sabia o que fazer.

— Essa aí é minha camiseta do Evil Dead? - perguntei.

— Shhhhhh - sussurrou ela. Puxou meu rosto e tocou meus lábios. Fiquei petrificada. Era como se fosse o mesmo feitiço vodu que o Low Shoulder tinha lançado na platéia do Melody Lane. Ela se inclinou e me beijou. Os lábios dela eram mais macios do que os de Chip.

Eu me afastei e sacudi o encanto.

— Que *mee..leca* está acontecendo aqui?

— Ooooo! - exclamou ela. - Nunca vi você soltar a bomba-m antes.

— Eu vi você! Eu vi você! O carro... eu...

— Mais devagar, retardatária. - Ela estava me zoando.

— Vou chamar a polícia - avisei.

— Pode chamar, pode me entregar. Tenho a polícia na palma da minha mão. Tô transando com um cadete, esqueceu?

Certo. Roman Duda estava transando com ela. Nada nessa cidade era sagrado.

— O que você quer? - perguntei, exasperada.

— Quero explicar algumas coisinhas pra você. Você já viu demais e, além disso, entre melhores amigas não existem segredos, certo?

Ela parecia mesmo estar falando sério. Fiz que sim, incapaz de falar. Não conseguia imaginar o que ela poderia me dizer para explicar essa maluquice total.

— Sabe a noite do incêndio? - perguntou. - Fiquei bem mal. Quase morri. - Ela fez uma pausa por um instante e depois simplesmente soltou: - Sabe aqueles caras do Low Shoulder?

Totalmente malignos. São basicamente agentes de Satã com cortes de cabelo fantásticos.

Descobri isso assim que entrei em seu furgão de estuprador.

Típico de Jennifer. Ela só foi perceber que aqueles gatos não eram legais *depois* que já estava trancada no furgão deles.



## CAPÍTULO OITO

### Cordeiro de (...)

Então lá vai o que aconteceu, segundo Jennifer. Aí você decide se acredita nela ou não. Eu mesma não tive muita certeza no começo, mas agora estou convencida de que é a verdade. Corta para o dia do incêndio. Jennifer, toda ralada e aterrorizada por haver passado de raspão pela morte, estava aconchegada no fundo do furgão. Nikolai dirigia. Ninguém falava nada. Ela só ouvia os pneus amassando o cascalho.

— Galera, pra onde a gente ta indo? – perguntou ela.

— Pro mato! – disse Nikolai, alegremente.

— Pro mato? – repetiu ela. – Tipo, pra curtir ou algo assim?

— Claro! – cantarolou Nikolai. – Pra curtir no mato, todo mundo!

Os outros caras deram risinhos. Jennifer olhou em volta para as paredes do furgão e viu que havia coisas pitadas com tinta fosforescente – cabeças de bode, pentagramas, escritos estranhos. Eles viraram a esquina e alguns livros que escorregaram para o chão foram parar aos pés dela. *Feitiços e Encantamentos*, *Invocação da Besta* e *Missa Negra*.

Jennifer deu um pulo e agarrou a maçaneta da porta. Mas o baterista segurou os tornozelos dela e a puxou de volta para baixo.

— Vocês são estupradores? – gritou Jennifer.

— Quisera você – respondeu Nikolai com um sorriso.

Ela lutou, mas o baterista não a largava. Ele perguntou aos outros caras se ela era mesmo virgem. Jennifer entendeu mal, do mesmo jeito que eu tinha entendido no Melody Lane, pensando que eles estavam atrás de um a vadia para montar. Nem eu nem ela compreendemos que eles *queriam* uma virgem (porque, sinceramente, quem é que quer uma hoje em dia? (Sacrifício de virgens está tão fora de moda). Enfim, o caso é que ela mentiu para eles também.

— Sim! É claro que eu sou virgem! Nunca transei na vida, nuca! Nem sei como é que se faz.

Então acho melhor vocês encontrarem uma garota que saiba. Que saiba como.

— Eu disse! – concluiu Nikolai, convencido. – Essas garotas de cidadezinha são todas orgulhosas e poderosas. Lembra da minha namorada de escola, Amy? Ela me disse que queria esperar até o casamento. No fim, ela só queria esperar por alguém com um carro melhor.

Vadia. – Ele gargalhou de forma maníaca.

Dirk pareceu meio assustado.

— Que droga, cara – disse ele.

— Dirk! Não pedi sua opinião! – berrou Nikolai.

— Lua crescente. Como o ritual diz.

— Você é o cara – disse o baterista.

Os quatro rodearam Jennifer e simplesmente ficaram ali como estatuas ao luar. Embora estivesse morrendo de medo, Jen achou que eles pareciam muito sexy. Só que então Nikolai lhe deu uma cabeçada.

Ela não estava esperando de jeito nenhum que seu crânio fosse esmagado pela testa dele, então gritou e caiu no chão. Viu estrelas.

Nikolai esfregou a cabeça.

— Sempre quis fazer isso, mas não sabia que iria doer.

Dirk parecia meio preocupado.

— Não sei se a gente devia continuar – disse ele.

Eu sabia que ele não era tão ruim assim.

Nikolai pediu que ele calasse a boca.

— Você ta brincando, né? Dirk, você ta afim de trabalhar no Moosewood Coffe pra sempre?

Pra mim, chega de gorjetas de cinqüenta centavos, de limpar o banheiro a cada quatro horas e meia e de dormir com garotas que trabalham na Costco, falou? Pra mim, chega!

— Cara... – Foi só o que Dirk disse, e fez um gesto para Jennifer, estirada no chão. A visão dela começava a clarear e ela tentava se levantar.

— Você quer ser rico e famoso como o cara do Maroon Five? Ou quer ser um fracassado de marca maior e suicida?

Dirk pareceu se entristecer.

— Maroon Five – admitiu.

Buuuu! Dirk é um canalha, afinal.

— Então seja homem e vá pegar o ritual!

Nikolai notou Jennifer se mexendo e tornou a agarrar-lhe o braço, praticamente enterrando os dedos na carne dela. Dirk voltou para o furgão e folheou os livros nos fundos, até encontrar um papel. Trouxe a folha para Nikolai.

— É só isso? – perguntou um dos caras.

— Que que foi? Eu achei na internet – explicou Nikolai.

Os rapazes ajudaram Nikolai a arrastar Jennifer até umas pedras, que eles usaram como uma espécie de altar. Ela se deu conta mais tarde de que estava do lado da cachoeira, daquele tobogã aquático até o inferno. Acho que afinal existe um motivo para aquilo ser chamado de Devil's Kettle – Chaleira do *Diabo*.

Ela tentou enterrar os pés na terra, mas eles eram muitos. Jennifer ainda estava grogue da cabeçada, além disso. Mas lutou mesmo assim e gritou por ajuda. Dirk lhe deu um tapa. Os três a seguraram enquanto Nikolai lia o que estava no papel.

— Viemos aqui esta noite para sacrificar o corpo de...

Ele fez uma pausa, incapaz de se lembrar do nome dela.

— ...dessa vadia caipira de Devil's Kettle.

— Meu nome é Jennifer – sussurrou ela.

Aquilo o deixou muito puto.

— Seu nome é Cala a Boca Quando Estou Falando com Satã.

— Por favor – implorou ela. – Por favor, me solte. Faça qualquer coisa que você quiser.

— Só com gatas nota dez, meu amor – desdenhou ele. – Você é no máximo, uma nota nove de Minnesota, mesmo com esses enchimentos.

Aquilo foi um golpe baixo. Baixo mesmo. Ele enfiou a mão no sutiã dela e encontrou os enchimentos de gel que ela usava para dar uma turbinada. [E sério! Eu disse que eu é que tenho os peitões naturais.

Foi a conta. Jennifer tentou cuspir no rosto dele, mas o cuspe caiu no cabelo de Nikolai. Ele alisou o cabelo para trás e disse, na maior tranquilidade:

— Vou fatiar você que nem abóbora. Você não sabe com quem está lidando aqui, não?

Estamos em comunhão com a Besta.

Então ele fez o que todos os vilões fazem: desabafou.

— Você tem ideia de como é difícil fazer sucesso hoje em dia como banda indie? – perguntou, enfiando o dedo na cara dela. – Tem tanta banda por aí, e todo mundo é tão bonitinho. Se você não aparece no Letterman ou em alguma trilha sonora retardada, se ferra. A gente quer tomar drogas sintéticas de primeira e ter fãs que têm seus próprios fãs. A gente quer fazer turnês em estádios. A gente quer mais. Satã é nossa única esperança. Por isso precisamos causar uma boa impressão a ele, Jenny. Vamos ter de retalhar você. E, depois, o Dirk aqui vai usar sua cara.

Dirk pareceu chocado.

— Brincadeira essa parte da cara, Dirk, só brincadeira.

O mais assustador é como Nikolai estava calmo com aquilo tudo.

— E se você contratasse uma assessoria de comunicação? – sugeriu Jennifer, lutando até o fim.

– Fizesse umas camisetas, ou algo assim. Ei, eu podia ser uma de suas promotoras de vendas!

Nikolai pareceu considerar aquilo por um momento.

— Sabe, não é uma má ideia. Quer dizer, a gente precisa de publicidade, certo, galera? Apesar de que... não, prefiro só retalhar você e olhar para suas tripas.

Então todos gargalharam. Estavam empolgadíssimos com a viagem de poder de Nikolai. O Sr. McLouco havia levado seus amigos aos confins da sanidade com ele. E começou a ler o ritual de novo.

— Com a maldade mais profunda, entregamos a vós essa virgem.

Ele sacou uma faca enorme e brilhante. Ergueu-a e depois parou por um instante, para admirar seu próprio reflexo na lâmina.

— Cara, incrível essa arma mortífera – exclamou Dirk.

Ele havia incorporado completamente o seu lado negro, pelo jeito.

— É uma faca de caça – falou Nikolai.

— Mandou bem.

Nikolai posicionou a faca no ar acima do corpo de Jennifer.

— Certo, vamos logo com isso.

Ela retorceu-se de novo, tentando desesperadamente fugir. Dessa vez, para segurá-la foi preciso a ajuda dos quatro.

— Oh, Jenny. Ooooh, Jenny – cantarolou ele. Todos começaram a cantar juntos enquanto Nikolai a esfaqueava. Foi incrivelmente brutal. Eles a esfaquearam, surraram e basicamente fizeram de tudo para garantir que ela morresse. Tipo morresse *morresse*.

## Capítulo 9

### Quem disse que funerais são uma festa?

Enquanto relatava essa história horrível com a maior calma do mundo, Jennifer limpava a parte de baixo das unhas com um palito de cutícula que tinha pegado de cima de minha cômoda.

— Ser torturada faria a maioria das garotas desmaiar ou algo assim. Mas sou tão barra pesada que fiquei com eles o tempo todo. Eu podia sentir os caras esfaqueando através de minhas costelas e para dentro da minha barriga, até alcançar o meu coração. Ele atirou a faca na cachoeira... então ela já era.

Eu a olhei, sem acreditar.

— Eles... eles mataram você!

— Eu tô aqui, não estou? - discordou ela, balançando a cabeça em negativa. - Enfim, mataram - concluiu. - Fizeram um sushi comigo. Eu deveria estar morta. Mas, por algum motivo, não estou.

— Talvez esteja - sussurrei.

— Tanto faz. Enfim, não lembro direito o que aconteceu depois disso. Só sei que acordei algumas horas depois e de algum jeito consegui voltar.

— É, eu me lembro - disse eu, secamente. Como eu poderia esquecer?

— Eu não poderia machucar você. Quer dizer, você é uma grande amiga. Mas sentia tanta fome que precisava fazer alguma coisa. Desde então, eu de certa forma soube o que era necessário fazer pra me sentir forte. E, quando estou cheia, como agora, eu sou... imortal. Posso fazer coisas assim...

Ela enfiou o palito de cutícula no braço e o empurrou por baixo da pele. Pulei. Era ultranojento.

— Nada de mais - disse ela, nem um pouco perturbada. - Olhe isso.

Ela puxou o palito do braço e a ferida cicatrizou-se diante dos meus olhos. Estendi a mão e toquei sua pele. Não havia sequer uma marca.

— Isso é ou não é um lance de super-herói?

Eu a olhei bem dentro dos olhos:

— O que você quer dizer com “quando estou cheia”?

Ela deu de ombros:

— Sei lá, cheia. Tipo, cheia de petiscos apetitosos.

Mas eu não entendi. Bom, não queria entender. Ela não estava sendo coerente. Petiscos apetitosos *de quê*? Eu tinha medo de saber.

— Deixa pra lá - falou ela. - Você provavelmente iria me entregar mesmo. Não que alguém fosse acreditar... Mas você sempre acha que é o fim do mundo.

Ela revirou os olhos para mim, como se eu fosse uma chorona histérica, só porque eu me chateava com a morte das pessoas.

Porém eu ainda tinha algumas perguntas para lhe fazer.

— E o carro da minha mãe? Por que você me atacou lá na estrada? Por que você tava coberta de sangue? Você nem parecia humana!

Ela deu um tapinha no meu braço.

— Você devia conversar com alguém sobre essas idéias perturbadoras que anda tendo. Todos nós estamos preocupados. Principalmente Chip. Acho que ele anda pensando duas vezes sobre você.

Aquilo foi a gota-d'água.

— Saia! - exclamei.

— Nossa, não somos mais do tipo “a gente se vê na terça que vem”?

— SAIA! - berrei.

Ela sorriu sedutoramente para mim.

— Ah, vai, me deixe dormir aqui hoje. A gente pode brincar de namorado e namorada, como antes.

Recuei. Com um suspiro, ela se levantou da cama, andou até a janela e a escancarou.

— O que você tá fazendo? - perguntei. Meu quarto fica no segundo andar. Não é possível sair pela janela.

— Você me disse pra ir embora. Então, eu vou nessa.

Ela subiu no peitoril e se agachou

— Vejo você na escola.

Depois pulou pela janela! Corri para a janela e olhei para baixo, mas o quintal estava vazio. Ela havia desaparecido. Comecei a acreditar que ela realmente tinha poderes estranhos de super-herói.

No dia seguinte, eu soube na escola do que aconteceu com Colin. O coitado e infeliz Colin. Eles encontraram o que sobrou dele em uma construção nos limites da cidade - um desses condomínios ridículos em que todas as casas são iguais e por algum motivo os empreiteiros acham que as pessoas vão querer morar numa caixa igual à dos vizinhos de ambos os lados. Um segurança que dirigia uma patrulha viu o carro de Colin estacionado na frente. Colin havia sido destripado e devorado, como Jonas. Ninguém sabe por que ele estava lá e nem quem comeu seus órgãos.

Eu, entretanto, estava começando a me dar conta de que tinha uma noção *bastante boa* de quem andava saboreando esses “petiscos apetitosos” na cidade ultimamente. Jennifer havia me dito que precisava ficar “cheia” não é? Isso explicava por que ela ficou com uma aparência tão horrorosa depois de um tempo e logo em seguida voltou a brilhar. Isso também explicava algumas das coisas estranhas que eu vinha sentindo nos últimos tempos. Eu devia estar sentindo a fome dela, o mal-estar dela e a sua felicidade ao se saciar com carne de garoto adolescente. Só que eu ainda não estava totalmente preparada para abraçar essa teoria. As pistas, porém, se empilhavam em um canto do meu cérebro e logo, logo eu teria de bancar a Nancy Drew.

O funeral de Colin foi no cemitério perto da Igreja de Nossa Senhora do Sangue Perpétuo. Que nome mais adequado. Trilhas de cascalho bem varridas serpenteavam entre estátuas de mármore solenes. Havia uma suave inclinação no terreno dos fundos do cemitério, e foi ali que a cerimônia aconteceu.

Cheguei cedo e esperei. Sentia-me responsável. Não sei exatamente como eu poderia tê-la impedido, mas tinha a sensação de que de algum jeito havia falhado com Colin. Sua família estava péssima. Não os culpo. Ficaram ao redor da cova com a aparência de quem tinha

levado uma surra. Havia um grupo menor de pessoas a um lado. Alguns jornalistas estavam lá, também. O mundo ouviria ainda mais notícias de Devil's Kettle.

— Estamos reunidos aqui hoje para celebrar a vida de Colin Gray - começou o padre -, que foi arrancado da primavera...

Ouvi choros e soluços a distância. Olhei naquela direção, junto com todo mundo, e vi várias figuras de preto aproximando-se do topo da colina. Uma procissão de góticos, incluindo todas as Garotas Mortas da região, marchava solenemente em fila. Usavam capas pretas, correntes, meias arrastão, coturnos e uma dose exagerada de lápis. Todos estavam chorando. Era como uma tragédia grega, completa ao som do órgão fúnebre.

Uma das meninas espalhava pétalas de rosa vermelha no chão. Eles andaram até a cova e se postaram ao lado dos Grays.

O padre pigarreou.

— Esses são...?

O Sr. Gray fez que sim.

— Os amigos de Colin.

Um gótico chamado Kevin atirou-se na terra fresca.

— Colin! Me leve com você! Eu pertenço aí, à escuridão!

Esses góticos são mesmo uns dramáticos.

Uma das Garotas Mortas ergueu o garoto. Era Chloe, acho.

— Não, Kevin. Esses são apenas os restos mortais dele. Ele está entre os anjos do reino das trevas agora. Voe, Colin! Voe até o firmamento.

Chloe acendeu um maço de sálvia e agitou a fumaça no ar. O Sr. Gray engasgou por causa do fedor. Se achava que conhecia alguma coisa do reino das trevas, aquela garota estava seriamente enganada. Eu, entretanto, começava a me sentir uma especialista.

Kevin dirigiu-se ao Sr. Gray.

— Tudo bem se a gente acampar aqui por alguns dias? A gente quer comungar com o cadáver dele.

O Sr. Gray ficou boquiaberto.

Chloe se dirigiu à Sra. Gray.

— Preciso perguntar uma coisa, Sra. Gray. Hã, o Sr. Feely, sabe, o psicólogo da escola?, disse que é muito importante que eu me expresse.

— Mocinha, talvez essa não seja a melhor hora... - repreendeu o padre, mas a Sra. Gray o afastou com um gesto.

— Tudo bem - disse ela.

— Certo; então, é verdade que Colin saiu com *Jennifer Check* na noite em que foi assassinado? Chloe pronunciou o nome de Jennifer como se fosse um palavrão imundo.

Cobri o rosto. Não acreditava que ela estivesse trazendo isso à tona no funeral! E para a mãe dele!

— Porque vamos combinar... Jennifer Check? É nojento - continuou. - Ela acha que é tão especial só porque é popular e o que a "sociedade" considera "atraente". Mas na verdade ela é só uma megavadia genérica que ouve Fergie e compra na Hollister. Sem falar que ela tem herpes labial e o outro tipo.

Isso era novidade para mim, se era verdade mesmo. Que nojo!

— Então, só pra confirmar: Colin não saiu com ela, saiu?

Os Grays apenas ficaram olhando o chão. Chloe surtou.

— Ah, meu Deus, eu sabia! Aquela piranha!

Amém, irmã. Kevin tocou-lhe o braço e tentou acalmá-la.

— Hã... Chloe? Acho que você devia ficar brava é com quem matou Colin. Jennifer Check só o convidou para ir à casa dela assistir *Aquamarine*.

O choro de Chloe aumentou.

— Isso é ainda pior! - guinchou ela, depois caiu no chão, tendo um pequeno ataque de raiva.

A Sra. Gray começou a chorar, cobrindo o rosto com as mãos, e o Sr. Gray a abraçou.

— Colin não teria gostado disso - disse Kevin, balançando a cabeça.

Foi aí que o verdadeiro show começou.

A Sra. Gray ergueu a cabeça na hora e encarou Kevin.

— Ah, você acha, é? - gritou ela, com sarcasmo crescente. - É, tem razão! Tenho certeza de que meu filho não teria gostado de ser devorado por um *canibal* e ser enterrado antes de seu aniversário de 18 anos! Uau! Você deve ter conhecido o Colin *tão* bem! - Ela sacudia os braços e cuspiu ao falar.

— Jill... - disse o Sr. Gray, tentando puxá-la para trás. Kevin estava branco como um fantasma, completamente aterrorizado ante a harpia que libertara.

— Quando encontraram Colin naquela casa maldita, ele parecia uma lasanha com dentes! Eu sei, porque fui *eu* que tive de identificar seus restos mortais! - Os gritos dela foram substituídos por um rosnado baixo, o que era ainda mais assustador. - Meu filho não está no reino dos espíritos. Não está voando pelo... pelo firmamento com asas mágicas de fogo. Está num caixão caro de madeira de cedro que será enterrado a sete palmos,

Ela se inclinou ameaçadoramente para Kevin e gritou na cara dele:

— Então você pode pegar a sua *dor* e enfiar no rabo! Eu tenho o *monopólio* da dor!

Aí ela desabou, soluçando, nos braços do Sr. Gray.

Tive vontade de bater palmas, mas achei que não seria muito apropriado.

## Capítulo dez

### Lição do Inferno

Fizeram um memorial grandioso para Colin na escola alguns dias depois. Tivemos de assistir a mais uma palestra sobre não ficar até tarde na rua, o sistema de apoio mútuo, como lidar com a dor e blá-blá-blá. Só que ninguém ligava mais. A tristeza tinha sido a emoção da semana passada. Eu havia desenvolvido insônia e não falava com Jennifer desde aquela noite no meu quarto.

Na verdade, eu não havia falado com ninguém. Estava ocupada pesquisando. Passei o final de março buscando respostas na internet, mas o Google não tinha ajudado muito nessa questão. Se você digitar “demônio virgem faca de caça”, recebe resultados como *Sweeney Todd*, Thomas Hardy e Casa de Coolio Ted (o blog desse cara era realmente fraco). Por isso, passei a fazer a coisa do jeito antigo, pesquisando à tarde e nos finais de semana na minúscula biblioteca de Devil’s Kettle, enfiada num canto lendo livros velhos e amarelados sobre bruxas, demônios e mitos. Achei que, se estudasse com afinco, passaria no teste... O tipo de teste em que, se eu me desse bem, seria capaz de evitar que mais pessoas morressem.

O prédio da biblioteca era velho e mofado, com carpete marrom e umas poucas mesas gastas. Eu tentava ficar na porta mais afastada, escondida entre as pilhas de livros. O bibliotecário, Sr. Stein, achou que eu estava fazendo pesquisa escolar sobre a história da cidade para conseguir pontos extras em alguma matéria, por isso não parava de trazer livros chatos sobre terrenos e o suprimento de água local. Pedi tudo o que havia relacionado com ocultismo, na teoria de que o nome de nossa cidade pudesse ter vindo de alguma espécie de adoração ao diabo, de feitiço ou de algo assim. O Sr. Stein sempre estalava a língua para mim, mas na maioria das vezes me deixava em paz. Qualquer um usando livros como fonte de pesquisa era alguém semelhante a ele.

Li muito sobre história da antigüidade, tribos germânicas, assassinatos rituais na África e a Bíblia. Li todas as histórias de fantasmas que existiam ali e depois todas as histórias de bruxa da Nova Inglaterra e do Meio Oeste. Virei uma Wikipédia ambulante do ocultismo. Levou um bom tempo, porém, para eu descobrir exatamente o que havia acontecido com a minha melhor amiga e por que ela agora estava comendo nossos colegas de classe.

Finalmente eu abraçara a idéia de que Jennifer era uma serial killer canibal adolescente maluca. Devia ter sido ela que matou Jonas. Ela devia estar se sentindo pés-sima como se estivesse gripada quando eu também estava, e, depois que ela o comeu, nós duas ficamos muito melhor. Deve ter matado Colin enquanto eu estava tendo um surto com Chip no quarto. Isso explica a fome que me atacou. Não sei por quê, mas eu também tinha certeza de que ela comera Ahmet. Eu sabia que ela odiava aquele garoto.

O problema era que, no fundo, eu não achava que ela estava possuída ou que havia sido transformada em um demônio. Ela tinha aqueles poderes estranhos e precisava alimentá-los, mas continuava sendo Jennifer Check. Ainda era a minha amiga... não era?

Março virou abril. Todo dia de manhã, abrigada com meu capuz a caminho da escola, eu passava pelo campo de futebol americano, onde havia uma faixa gigante na qual se lia BAILE DA PRIMAVERA, e via Jennifer e as outras animadoras de torcida conversando, como se



ninguém houvesse sido eviscerado.

Se eu encarasse Jennifer na aula por muito tempo, começava a ter visões. Da caveira sorridente de Jennifer. De Jennifer como um cadáver apodrecido. De Jennifer como um monstro com fileiras e mais fileiras de dentes. Ouvia o sangue bombeando em minhas orelhas e o zumbido de moscas ao meu redor.

Eu estava perturbada.

Andava negligenciando até Chip, que corajosamente se esforçava para agir com naturalidade. Ele relacionou meu surto com a morte de Colin, mas achou que era porque Colin fora meu amigo, não porque minha BFF canalha o havia matado.

Eu andava pensando sobre Jennifer, Colin e Chip. Sabia que, quanto mais eu amasse Chip, mais devia ficar longe dele. Era como todas as histórias de amor estúpidas que já foram escritas. Eu precisava afastá-lo para protegê-lo. Na hora, nem me toquei que não era porque eu tinha superpoderes malucos e perigosos.

Certa manhã, Chip veio correndo atrás de mim e me distraiu dos meus pensamentos:

— Ei!

Ele me deu uma cotovelada.

— Acabei de comprar nossos ingressos pro baile da primavera. Você fez reservas na Cheesecake Factory?

Olhei para baixo e não respondi.

— Seu vestido é de que cor? - continuou ele. - Que tal rosa-shoching? Você é definitivamente uma garota do inverno. Minha mãe diz que as garotas do inverno deveriam usar tons nobres de jóias, como rosa-choque. Ou quem sabe azul-esverdeado.

— Certo. Esqueci que sua mãe é uma mulher da Avon.

— Bom, agora eles chamam de representante de vendas - corrigiu ele.

Isso ia ser difícil, mas eu sabia que precisava fazê-lo. Para salvá-lo.

— Não posso ir ao baile com você. Não posso mais ver você de jeito nenhum.

— O quê? Por quê?

— Porque ela quer tudo o que eu quero.

— Do que você tá falando? - perguntou Chip.

Olhei melancolicamente para seu cabelo castanho bagunçado e seus braços fortes. Acho que ele merecia uma explicação. Ele não iria gostar, mas merecia que contasse.

— Aqui não; venha.

Agarrei o braço de Chip e comecei a arrastá-lo para o pátio da escola.

— O que está acontecendo? Você não tá terminando comigo, né?! - perguntou ele em pânico.

Achei um banco escondido em um canto embaixo de uma figueira enorme. Eu o empurrei para baixo, para que se sentasse no banco, e me sentei ao lado dele.

— Certo - fiz uma pausa, sem saber como começar. Escolhi a simplicidade: - Jennifer é do mal.

— Eu sei - disse Chip, com um sinal de cabeça. Ele já tinha ouvido aquilo antes.

— Não, quero dizer que ela é do *mal mesmo*. Não mal tipo garota popular da escola. Aqui, preciso mostrar uma coisa.

Abri minha bolsa e tirei um fichário preto grande em cuja lombada estava escrito PESQUISAS SOBRE JENNIFER. Folhee por entre as cópias da biblioteca e as páginas im-pressas da

internet. Chip recuou um pouco.

— Needy, eu me preocupo com você. Muito. Como pessoa. E tô com medo do que tá acontecendo com você.

Chip era muito meigo. Mas o garoto precisava calar a boca e escutar.

— Por favor, me deixe só mostrar a você.

Ele entendeu que não tinha escolha, por isso só fez que sim.

— Bom, fui pesquisar na seção de ocultismo da biblioteca umas cinco vezes.

Achei a cópia que estava procurando e mostrei para ele.

— Nossa biblioteca tem uma seção de ocultismo? - perguntou.

— Bom, é pequena - admiti -, mas tem. Eles têm coisas como *Pergunte a Alice — Diário íntimo de uma jovem drogada* e a biografia de Sammy Davis Júnior, só que também têm alguns textos esotéricos verdadeiramente obscuros! Quem diria? Enfim, leia isso.

Ele se atrapalhou logo na primeira palavra, por isso eu a li para ele.

— *Transferência demoníaca*. É algo que acontece quando você tenta sacrificar uma virgem para Satã sem usar uma virgem de verdade.

Chip me encarou como se eu fosse uma dessas pessoas que usam chapéus de alumínio para afastar ETs. Continuei mesmo assim.

— Foi o que aconteceu com Jennifer! Aqueles caras da banda tentaram sacrificar Jennifer na floresta, mas o que eles não sabiam era que Jennifer não é mais virgem há anos! Agora tudo faz sentido! Leia isso.

Puxei o fichário de volta da mão dele e li:

— “Se o sacrifício humano for impuro, o resultado ainda assim pode ser alcançado, mas um demônio para sempre viverá na alma da vítima, que deverá consumir carne eternamente a fim de sustentá-lo.” Entendeu?

— Ceeeeerto - disse Chip. Ele não estava ligando os pontos.

— Ela está comendo *garotos*! Eles a deixam toda bonita, brilhante, com um cabelo sensacional. Além disso, ela fica... invencível. Sei lá. Só que, quando está com fome, fica fraca, mal-humorada e feia. Quer dizer, feia para ela. É porque precisa se alimentar! Ela precisa da força vital desses meninos!

— Você realmente acha que Jennifer matou Jonas e Colin? - perguntou ele, devagar.

Fiz que sim, vigorosamente:

— E talvez Ahmet, da Índia. Sei que ela não é mais ela mesma. Você não entende o que eu vi. Ela me mostrou!

— Needy, acho que você precisa de ajuda.

Caí em silêncio. Ele não havia acreditado em uma palavra sequer. Droga.

— Acho mesmo que você devia ir conversar com o Dr. Feely ou algo assim. Só pra, sabe, clarear as idéias. Sei que você passou por coisas difíceis - disse ele, com sua avidez.

— Você não acredita em mim. Acha que sou uma louca varrida!

Ele pegou o fichário das minhas mãos e o fechou.

— Não é que eu não acredite em você; só não acredito nisso. - Ele deu um tapinha no fichário com o dedo.

Entendi por que ele não queria pegar minha loucura infecciosa. O problema é que eu não estava louca. O resto das pessoas é que estava. Mas, quando você é a única pessoa sã, talvez

seja a louca. É subjetivo, entende?

— Isso não está acontecendo - sussurrei. - É um pesadelo. - Eu me virei para olhar dentro de seus olhos. - Não é seguro a gente continuar se vendo agora.

Ele franziu a testa.

— Peraí, você *tá mesmo* terminando comigo? Não sou mais seu namorado?

— Eu sei que você vai ser o próximo. Posso sentir.

— E o baile?

— Quem se importa com esse baile idiota? - explodi.

— Eu! - exclamou ele. - Já pedi seu buquê de pulso. É uma orquídea e custou 12 dólares!

Vacilei um pouco.

— Olhe, vou ao baile. Preciso ficar de olho em Jennifer. Só não se aproxime de mim.

Ele me olhou como um filhotinho abandonado num canto da rua. Minha barriga deu um nó.

Fiquei mal, mas eu me amaldiçoaria se a deixasse enfiar os dentes nele.

— Acho que eu não iria querer, mesmo - disse ele.

Chip me devolveu o fichário e depois foi embora. Eu o vi se afastar com um peso enorme no coração. Estava tão apaixonada por ele, e estraguei tudo.

E, finalmente, eu começava a aceitar o fato de que Jennifer Check era uma completa vadia.

## Capítulo Onze

### Produzir-se não é fácil

O tema do baile era a canção “Através das árvores”. Todo mundo continuava adorando aquela música maldita. O comitê da festa levou a coisa bem literalmente e passou as primeiras duas semanas de abril fazendo árvores de papel machê, a fim de transformar o ginásio em uma floresta. Como se a gente precisasse de mais mato ao redor.

O dia chegou rápido. Fazia um mês desde a morte de Colin, que morreu um mês depois de Jonas, portanto eu tinha certeza de que Jennifer precisava se alimentar. Achei que ela apostaria alto e tentaria agarrar alguém no baile. E achei que seria Chip exatamente porque eu não queria que ela o pegasse. Primeiro um atleta, depois um gótico. Eu sabia que agora ela comeria um nerd.

Eu me vesti no meu quarto. Na semana anterior, minha mãe havia trazido um vestido maravilhoso para casa, uma versão remix dos anos 1980 que ela conseguiu com uma mulher do trabalho. Era de todas as tonalidades de rosa-choque e tinha montes de detalhes: mangas bufantes, uma flor enorme no quadril, renda nas costas, saia babada curta na frente com tule e uma cauda enorme. Chip iria adorar. Pena que ele não iria me levar para a festa.

Spector corria pelos meus pés, mordiscando o tule. Mamãe estava atrás de mim com um baby liss superquente.

— Você está linda - disse ela.

Eu me olhei no espelho.

— Pareço uma porca idiota.

— Não - censurou ela. - Você tem a cinturinha de uma modelo. Sempre achei que você se parecia com a Cindy Crawford.

— Quem?

— Uma das maiores beldades de nossa época! Ela tem até uma pinta como você, só que a dela é no rosto.

Senti uma quentura no pescoço.

— Ai! Esse treco tá muito perto.

— Bom, se Chip der um chupão no seu pescoço, você pode dizer para todo mundo que fui eu que te queimei.

— Mãe, eu já disse. Chip e eu terminamos.

— Mais motivo ainda para ficar glamourosa. Fique quieta.

Ela enrolou outra mecha de meu cabelo loiro cinzento com aquele modelador quente.

— O que você tá fazendo com meu cabelo?

— Um topete maneiro - respondeu ela.

— Mãe!

— Bom, se você tem esse material gigantesco aí na frente, precisa ter um cabelão também!

Quando ela terminou, eu parecia um poodle, ou talvez a noiva do Frankenstein. Ela tirou meus óculos, o que foi quase um alívio. Eu não podia mais suportar me olhar, nem à corrente dourada de BFF que eu continuava usando. De algum jeito, parecia apropriado usá-la até o fim.

Minha mãe sacou a câmera digital e me fotografou na sala, com nossa poltrona xadrez como

cenário. Depois ela veio para o meu lado e estendeu o braço para a frente, para nos fotografar juntas. Quando olhamos as fotos na tela, minha mãe estava com os olhos fechados e eu parecia arrasada. Acho que porque eu estava mesmo. É uma pena que aquelas sejam as últimas fotos que ela terá de mim.

A decoração do ginásio era uma agressão para a vista. As árvores que fizeram pareciam hematomas roxos e verdes, e a impressão é que uma loja de enfeites de festa havia explodido, deixando balões e restos de fitas por todos os lados. Em uma faixa enorme, lia-se: ATRAVÉS DAS ÁRVORES — BAILE DE PRIMAVERA.

Havia um DJ tocando muito mal. Sempre que uma música acabava, acontecia um salto gigante. O cara não tinha a menor destreza.

Vi as Garotas Mortas andando em bando. Chloe estourava balões com um alfinete. Sempre que furava um, dizia algo como: “Este é meu coração” *pop!*, “minha alma” *pop!*, “tudo em que um dia acreditei”. *Pop!*

Alguns idiotas riram do meu vestido quando eu atravessei a multidão, procurando Jennifer. Nem liguei para aquilo. Estava ali em uma missão. Não vi nem Jennifer, nem Chip, por isso servi um pouco de suco em um copo de plástico e me encostei à parede para esperar. Seria capaz de aguardar a noite inteira, se fosse preciso. Eu me perguntava se Jennifer iria para a festa com alguém.

Os casais se esfregavam na pista enquanto os minutos passavam lentamente. Olhei o relógio de pulso. Os braços de Mickey Mouse me informaram que os dois estavam atrasados.

O Sr. Wroblewski andou até o DJ e agarrou o microfone. Estava vestido com seu smoking dos anos 1970 e uma camisa azul cheia de babados. Sua mão-garra cintilou quando o globo de luz lançou um raio sobre ela. O volume da música foi abaixado para que ele pudesse falar.

— Gostaria de ter a atenção de todos, por favor - começou ele. A multidão se aquietou, mas pareceu chateada com a intromissão. - Sejam bem-vindos ao baile da primavera. Espero que todos tenham tido a chance de consumir os biscoitos e o suco que foram generosamente doados pelo Clube dos Pais.

Houve alguns aplausos, na maioria dos pais monitores.

— Mas a verdadeira surpresa ainda está por vir. Temos convidados muito especiais esta noite. Estes cavalheiros gentis tiveram a bondade de dar uma pausa em sua turnê nacional de ingressos esgotados para tocar em nossa festa de graça!

Um burburinho ondulou pela multidão, e ouvi Chastity gritar de alegria. Já eu engasguei com o suco de fruta generosamente doado.

O Sr. W. fez uma pausa dramática de efeito. Depois ergueu sua garra de metal e gritou alegremente:

— Garotos e garotas, por favor, deem as boas vindas ao Low Shoulder!

As meninas correram até o palco dando gritinhos, enquanto as luzes se acendiam para revelar aqueles idiotas completos que começavam a tocar uma nova versão daquela mesma música maldita. O logo da banda estava pendurado em uma cortina atrás deles. Finalmente entendi que o carro inclinado era a placa de trânsito que sinalizava “*low shoulder*” - ou seja, acostamento baixo. Como uma coisa podia ser tão idiota?

Continuava não vendo nem Jennifer nem Chip em parte alguma. Por fim uma lampadinha se acendeu na minha cabeça e eu quase borrei as minhas calcinhas brancas de algodão.

— Chip! - gritei alto. Lutei para chegar até as portas do ginásio, mancando com os saltos altos estúpidos que minha mãe mandara tingir da mesma cor do meu vestido.

Saí como um furacão no ar frio. Havia um pouco de névoa, e os poucos postes de luz ao redor do estacionamento brilhavam de um jeito meio aterrorizante. Chutei os saltos de cetim rosa-choque para um lado e comecei a correr na direção do Parque McCullum.

Uma coisa que ninguém sabe é que sou rápida. Nunca quis entrar no time de atletismo porque fico feia de short, só isso. Além disso, Jennifer disse que corrida era coisa de lésbica. Mas eu sou. Rápida, quero dizer. Mesmo naquele vestido cor de placenta, destruí o asfalto. Eu precisava fazer isso. Estava correndo pela vida dele.

## Capítulo Doze

### Quando tudo está perdido

Primeiro corri até a casa de Chip. Eu tinha um último fiozinho esfiapado de esperança de que ele só tivesse se atrasado. Caí de joelhos na frente da varanda, ofegando ao apoiar todo o peso do corpo na campainha.

A irmãzinha de Chip, Camille, veio atender. Era uma menina fofa, de franjão e rosto redondo. Estava chupando um pirulito, que deixava manchas vermelhas grudadas no seu rosto.

— Oi, Camille! Chipper tá em casa?

Fiz o melhor que pude para não assustar a criança, mas acho que o meu visual em uma bola rosa-choque bufante, caída na varanda, acabou entregando o jogo. Ela me olhou como se eu fosse uma estranha oferecendo gilete no Halloween. Voltou a lamber o pirulito. Estávamos diante de um impasse.

Graças aos céus, a mãe dele veio até a porta e mandou Camille para dentro.

— Needy! Está tudo bem? - perguntou ela, tentando entender meu estado desganhado.

— Cadê o Chip? - implorei. Por favor, esteja em casa, por favor, esteja em casa, por favor, esteja em casa.

— Ele saiu para o baile há pelo menos uns vinte minutos - respondeu ela, confusa. - Com certeza já deveria estar lá a essa altura.

*Merda.*

— Ele foi andando? Sra. Dove, a senhora está me dizendo que nesses tempos perigosos e estranhos deixou seu único filho sair andando à noite sozinho?

Tentava me equilibrar em meus pés.

— Bem, são só cinco quarteirões! - protestou ela, olhando-me mais de perto. - Meu Deus, seu cabelo está...

— Para que lado ele foi? - interrompi. Não havia tempo para explicar sobre o topete.

— Ele costuma cortar caminho pelo parque. Por que você não tenta...

Mas eu já tinha saído correndo na direção do Parque McCullum.

Ouvi a Sra. Dover gritar atrás de mim, atordoada:

— Anita?

Cheguei ao parque suada e com os pés sangrando. Ou talvez estivessem só manchados pela tinta do sapato. Difícil dizer. Ofeguei por um segundo, correndo os olhos pelo parque atrás de Chip, mas não vi nada.

— CHIP! - gritei. Esperei e ouvi um grito à direita. Ergui a saia e tornei a sair correndo na direção da Piscina Murphy.

A Murphy era uma piscina comunitária que haviam fechado há um tempo porque na maior parte do ano era frio demais para nadar em Minnesota, e ninguém nunca a usava. Agora as pessoas só iam lá andar de skate, pichar ou se drogar. Tinha uma cerca ao redor, mas todo mundo simplesmente a pulava. Era o lugar perfeito para assassinar alguém.

Eu estava indo rápido demais para parar e bati de cara na cerca, fazendo as correntes chacoalharem. Enfiei freneticamente os pés descalços nos buracos em forma de losango e subi.

Cortei a mão em um elo quebrado, mas continuei subindo. A cerca idiota era realmente alta. Ouvi Chip gritar de novo.

— Estou indo! - engasguei.

Perto do topo me atirei para o outro lado e caí de forma bem doída sobre o concreto. Meu braço sangrava e doía como se nada mais importasse, mas nem aquilo me parou. Achei um caminho ao redor do lixo e da mobília de sala de estar mofada e virada de ponta-cabeça que cobria o deque.

Lutei para chegar até a piscina, olhando a escuridão. Havia um brilho ao redor da água turva. Em um dos lados da piscina estava pichado INÚTIL. Era um sinal, e não muito bom. Ouvi o gemido de Chip antes de vê-lo e cobri a boca com uma das mãos para não vomitar.

A piscina estava semicheia de água imunda e espumosa, provavelmente neve derretida e chuva ácida, e Jennifer segurava Chip contra as escadas. A camisa e o peito dele estavam abertos, dava para ver suas costelas. Mesmo em meio a toda aquela carnificina, ainda consegui ver que, Deus me ajude, ele usava uma gravata rosa-choque e trazia uma orquídea na lapela. Seu rosto estava contorcido de dor quando ele ergueu os olhos e me viu. Ele mexeu a boca para falar meu nome, mas nada saiu.

— Minha nossa! - disse eu.

Jennifer nem notou que eu estava lá. Ela estava ocupada demais roendo Chip. Subi no trampolim e me benzi: achei que valia a pena tentar.

— São Judas, santo padroeiro das causas impossíveis, por favor me dê o poder de detonar essa vadia.

Aí pulei do trampolim bem na hora em que Jennifer olhou para cima. Na mosca! Voei pelos ares e aterrissei nos ombros dela com um borribo. Arranquei-a de cima de Chip com todo o meu peso, enrosquei as pernas em volta do pescoço de Jennifer e a puxei para baixo da água - que estava congelante.

Ela me atirou para longe e nós duas subimos à superfície ao mesmo tempo, engasgando com o frio. Agarrei seu cabelo e comecei a estapeá-la. Olhei para o deque da piscina e vi uma lata rosa de spray de pimenta. Perfeito! Agarrei a lata e borrifei o spray nos olhos dela, que guinchou e vomitou, fazendo aquela gosma preta cheia de espinhos voar em cima de mim e de Chip.

— Chega dessa coisa de calouro! - gritou ela, depois subiu como um foguete pelos ares e pairou a uns cinco metros da piscina, como uma espécie de bruxa. Eu finalmente consegui ver seu vestido. Era branco com tirinhas nos ombros e faixas de renda preta embaixo dos peitos e na bunda. Provavelmente tinha sido bonito antes de ser coberto pelas tripas do meu namorado. Ela usava luvas brancas até o cotovelo, que agora estavam vermelhas.

À parte a produção de festa, Jennifer não estava muito bem. Parecia um cadáver. Obviamente precisava se alimentar. Os olhos estavam de uma cor estranha, mais pálidos do que o normal, e na sua boca haviam nascido inúmeros dentes nojentos pontiagudos.

— Ela voa? - grasnou Chip.

— Ela só tá flutuando, Chip. Não é assim tão impressionante.

Eu o ajudei a deslizar, de forma que ele ficou sentado no degrau que estava embaixo d'água. Quando Jennifer falava, não era mais a voz dela. Tinha um som metálico. Demoníaco, acho.

— Meu Deus, você precisa estragar tudo o que eu faço? - reclamou ela. - Você é tão invejosa.



Ergui a cabeça e olhei para ela:

— Você é bastante canalha.

— Oooh, belo insulto, Poliana. Mais algum comentário duro pra me atingir?

Algo dentro de mim finalmente clicou. Eu sei, eu sei, demorou, mas expliquei que o amor que se sela na caixa de areia nunca morre. Pelo menos não até um demônio co-medor de namorado e cuspidor de gosma preta o matar.

— Sabe do que mais? Você nunca foi uma boa amiga, nunca. Mesmo quando a gente era pequena você roubava os meus brinquedos, derramava limonada na minha cama e me fazia ser Ana, a Feia quando a gente brincava de boneca.

— E agora estou comendo seu namorado! - gargalhou ela. - Viu? Pelo menos sou coerente.

— Por que você precisava *dele*, hein? - Não consegui me conter. Olhei para Chip e comecei a chorar. - Por que você precisa do único cara que já gostou de mim? Você pode ter qualquer um, Jennifer! O cara mais lindo da escola, o carteiro, um professor. Você provavelmente poderia ter até um astro famoso como Chad Michael Murray! Então por que Chip? Por que logo ele? É só pra me provocar?

Nadei até a borda da piscina:

— Ou é porque você é insegura?

Jennifer flutuou para baixo e aterrissou no deque, enquanto eu me impulsionava para fora da água para encará-la.

— Eu não sou insegura! - sibilou ela. - Que piada! Como *eu* poderia ser insegura? Eu fui a Rainha da Formatura!

— Ah, é mesmo - desdenhei. - Há *dois anos*. Quando você ainda era socialmente relevante. Cruzei os braços, fazendo a água espumosa pingar do meu corpo.

— EU AINDA SOU SOCIALMENTE RELEVANTE!

Ela gritou tão alto que fechei os olhos com força para protegê-los da bile dela. Mas eu sabia que a tinha atingido. Então parti para a jugular.

— Naquela época você era magra, também!

Jennifer pareceu horrorizada. Encostou-se contra a cerca, fazendo as correntes chiarem em protesto. Seus olhos estavam em chamas.

— Vou comer sua alma e depois cagá-la, Lesnicki - rosnou. E quando eu digo rosnou, é porque ela rosnou mesmo. Como um animal. Ouvi o som de arranhões atrás de mim e rapidamente olhei: era Chip. Ele tinha dado um jeito de se arrastar dos degraus da piscina para sair da água e estava dolorosa e vagarosamente puxando um limpador de piscina para perto de si. Um de seus braços parecia roído.

Eu me virei para minha ex-BFF, para que ela não notasse.

— Achei que você só matasse garotos - observei.

— Eu atiro pros dois lados - respondeu ela, e sorriu aquele sorriso horrendo de dentes pontiagudos para mim. Então deu um bote, rugindo com as mandíbulas monstruosas abertas para me pegar. Seus olhos brilhavam, brancos. Achei que seria meu fim.

Mas Chip se atirou na minha frente, segurando o cabo comprido do limpador de piscina como uma estaca. Jen fez o resto do trabalho sozinha. Ao voar para a frente, ela se empalou e estabacou-se de cara no deque. Gritei, e Chip caiu por causa do esforço.

Eu me agachei para abraçá-lo. Era difícil olhar para ele, com aquele buraco aberto no peito.

Chip era o meu herói. Eu viera para salvá-lo, e quem acabou me salvando foi ele! Minha troca de papéis não deu muito certo.

Jennifer se levantou devagar, e centímetro a centímetro retirou o cabo de metal do corpo.

— Ai, ai, ai - reclamou.

— Nós machucamos você! - compreendi, espantada.

E eu que já pensava que ela era a Senhorita Indestrutível. O limpador de piscina deixou um buraco em seu abdômen, de onde escorria sangue. Ela olhou para mim.

— Tem um absorvente por aí? - perguntou.

Fiz que não.

— Achei melhor perguntar. Parece que você tá naqueles dias.

Ela começou a escalar a cerca, estremecendo de dor.

— Aonde você vai? - berrei.

— Pare com essa gritaria. Tô fora - respondeu ela, por cima do ombro, depois nos olhou novamente. - Vocês, perdedores, não valem o trabalho que dão.

— Vai desistir agora, é? - gritei, histérica. - Ele já tá quase morto! Volte aqui, bulímica, e acabe logo com a gente!

— Tsc, tsc - retrucou ela. - Você vive dizendo que tenho sido uma péssima amiga todos esses anos. Acho que vou te dar essa chance agora.

Então ela sorriu com ironia e passou para o outro lado da cerca. Eu a vi pela grade enquanto se afastava cambaleando e a odiei com todas as minhas forças.

Chip gemeu novamente e eu saí do estupor. Segurei-o nos braços, banhando meu corpo em sangue e aquele líquido preto. Os ferimentos dele eram terríveis. Além das costelas expostas, seu braço tinha sido destroçado. Seu pescoço sangrava onde ela havia tentado comê-lo.

Pressionei com a mão, na vã tentativa de estancar o sangue.

— Ah, Chip - suspirei, desesperada.

Era tarde, tarde demais.

— Needy - sussurrou le. - Você sempre tem razão.

— Não cheguei a tempo. É tudo culpa minha! - Lágrimas quentes rolavam pelas minhas bochechas. - Deixei ela te pegar.

— Não - perdoou-me ele. - Eu não devia ter seguido Jennifer.

Ele a seguira até aqui? Deus, que mentiras ela havia lhe contado?

— Vou pedir ajuda - disse.

Por que não? Quem sabe a polícia pudesse fazer alguma coisa, para variar. Alcancei o bolso dele e encontrei seu celular. Limpei-o no vestido, removendo a meleca preta, embora isso provavelmente o tenha deixado ainda mais sujo.

— Ah, não - reclamou Chip. - Estou sem créditos!

Sorri para ele.

— Acho que a ligação pro serviço de emergência é sempre gratuita.

Ele devolveu o sorriso.

— Ah, é. Você tá certa de novo.

Liguei, mas nada aconteceu. Balancei o celular e o bati contra o concreto. Tentei novamente. Nada. Sem barulho, luz, nada. Estava morto.

— Não funciona. Tá cheio daquela... gosma de Jennifer.

Maldita.

Chip tossiu e se afogou em seu próprio sangue. Seus olhos piscaram.

— Ei, tô indo pra algum lugar...

A voz dele começava a fraquejar. Segurei-o bem apertado e sussurrei com força em seu ouvido:

— Não! Você não vai pra lugar nenhum!

Estado de negação, conheça Needy. Needy, este é o estado de negação.

Ele tentou sorrir novamente, mas seu rosto se contorceu de dor.

— Tô frito, Needy. Com certeza vou morrer. Acho que já tava até morto antes de você chegar aqui, mas acordei quando ouvi sua voz.

Solucei, chorando. Nunca ouviria palavras tão doces outra vez na vida. Por que isso estava acontecendo comigo?

— Eu te amo - falei, com a voz apertada.

Espalhei catarro em cima dele quando falei. Eu sei, nada romântico, mas essa é a vida real, não um conto de fadas com final feliz. Esse era praticamente o pior final que eu poderia imaginar.

— É, eu também - respondeu ele. - E você tá uma gata nesse vestido.

Soltei uma gargalhada.

— Você com certeza tá delirando.

Ele levantou seu braço bom e tocou meu rosto. Olhou bem nos meus olhos, íris na íris.

— Não. Quando você tá morrendo, pode ver as coisas com mais clareza. Pode ver o que é verdade e o que não é. As coisas de verdade têm essa luz ao redor delas, que nem você, agora. E tenho certeza de que você está totalmente gata.

Voltei a chorar, com vontade. A essa altura as lágrimas já deveriam ter se esgotado, mas parecia que naquela noite o meu estoque era infinito. Eu tinha levado muito tempo para chegar a esse momento. Meu namorado precisou morrer em meus braços para eu me convencer de que tenho valor. Não precisava de Jennifer para me destacar; eu sempre tivera valor.

— Acho melhor você dar o fora daqui - falou Chip. - A polícia vai chegar e não quero que eles pensem besteira, sabe.

Apertei-o mais ainda.

— Nunca vou te deixar.

— Mas eu tenho de ir - sussurrou ele.

— Não! - gritei, com voz rouca.

Mas seus olhos se fecharam. Seu corpo estava mole. Meu amor tinha ido embora.

Uivei. Pressionei meu rosto contra seu peito; seu peito aberto e mutilado. Banhei-me com seu sangue e jurei que sua morte teria troco.

Meu Deus, Chip. Perdão. Perdão.

## Capítulo Treze

### Dança Macabra

No fim, percebi que Chip tinha razão. Ele foi bem esperto nos últimos momentos. Se eu ficasse ali, a polícia certamente me prenderia, e eu não podia deixar isso acontecer. Eu tinha coisas a fazer.

Beijei-o uma última vez e o deitei com cuidado no chão. Fiquei ao lado dele por um segundo, memorizando seu rosto, depois o deixei. Consegui pular a cerca, mas deixei que a gravidade fizesse a parte mais complicada. Então fui mancando até o ginásio da escola. Não havia mais pressa. Chip já tivera sua última dança.

A vizinhança estava completamente escura. Não tínhamos muitos postes de luz em Devil's Kettle. Cheguei no início do estacionamento da escola, que estava banhado em uma luz amarela forte meio borrada. Perto das vagas para deficientes, vi dois idiotas se agarrando. Parei e fiquei encarando. Era incompreensível para mim que qualquer pessoa na face da Terra pudesse se divertir naquele momento. A garota finalmente me notou ali.

— Tá olhando o quê, desajeitada?

— Só vendo se ele consegue chupar a feiúra da sua cara - respondi. Era pura maldade. A amargura já começava a se espalhar do meu coração para o resto da minha alma.

— O que foi que você disse? - perguntou o garoto.

Olhei para baixo e meu cérebro lentamente resolveu a equação; dei-me conta da minha aparência. Meu vestido estava rasgado e sujo - não que fosse assim tão lindo antes - e meu cabelo, desarrumado. Estava coberta de sangue e tinha manchas pretas de uma espécie de lama nos joelhos, pernas, rosto e braços. Engasguei e quase vomitei.

Inclinei-me para a frente, pressionei um dedo sobre uma de minhas narinas e espirrei um pedaço de muco sangrento do outro lado. Pude respirar novamente.

O rapaz me olhou mais de perto.

— Você é, tipo, gótica ou algo assim? - quis saber ele.

Ajeitei-me e inclinei a cabeça para o lado.

— Sabia que os góticos originais eram uma tribo germânica que se fixou em Roma? Eles não usavam preto, apenas túnicas comuns de linho. Não entendo por que ninguém mais sabe isso. Eles me encararam por um segundo e voltaram a se agarrar. As pessoas nunca aprendem. Continuei mancando em direção ao ginásio.

Tentei primeiro ser discreta ao entrar, mas depois deixei que a porta batesse ao se fechar. Não havia mais necessidade de ter cuidado. Caminhei pelo ginásio, deixando pegadas sangrentas pelo chão encerado que logo eram tão borradas pela cauda do meu vestido. Eu era uma princesa viajando por uma floresta encantada, escura e sombria, como nos contos de fadas originais, sem edição. Antes de os estúdios cinematográficos descobrirem essas histórias, os irmãos Grimm escreveram coisas bem perturbadoras.

Ninguém parou de rir ou dançar. Ninguém nem ao menos piscou ao me ver passar pela multidão. Era como se estivéssemos nas ruas de Nova York. Eu tinha ido lá uma vez. Todos os tipos de maluco podem andar por aquelas ruas que ninguém presta a menor atenção.

Meu olhar estava fixo na banda. O Low Shoulder tocava uma música instrumental

ridiculamente longa, cheia de distorções e batidas de bateria por todos os lados. Era absolutamente ruim. Nikolai me viu primeiro. Estava usando gravata vermelha e blazer preto. Camisa dourada. Era o próprio rei do submundo *glam*. Não havia grandes melhoras em relação às roupas que usaram no Melody Lane. Ao me ver, Nikolai cutucou Dirk. O baixista vestia uma camisa vermelha desabotoada no pescoço, onde tinha pendurado uma gravata preta meio solta. Seu cabelo estava arrumado em um daqueles falsos moicanos. Alcancei o palco e olhei para cima, na direção de Nikolai. Apontei dois dedos para meus próprios olhos, depois para ele, como De Niro naquele filme. Ele se assustou e pegou o microfone.

— Valeu, galera! Vocês são ótimos!

Ele se inclinou para Dirk e sussurrou:

— Temos de dar o fora daqui.

O pobrezinho do Dirk ficou confuso, olhando para seu companheiro de banda como se não entendesse. Nikolai apontou em minha direção. Fiquei contente por ter bastado apenas olharem para mim. Dirk removeu seu baixo e eles gesticularam para os dois outros integrantes saírem do palco. As pessoas ao meu redor começaram a reclamar que a música tinha parado. Enquanto a banda deixava o palco, Nikolai sustentou meu olhar. Eu me aproximei e ele estremeceu.

— Por que vocês não tocam de novo aquela música de que todos gostam? - sorri ao perguntar. Eles fugiram como criancinhas. Girei o corpo e encarei as pessoas no ginásio. Ninguém disse uma palavra sequer. Eu simplesmente manquei até a saída e voltei para casa.

Pela primeira vez na vida não tive problemas com minhas chaves. Apenas quebrei a janela com um soco e atravessei a mão pelo vidro quebrado, destrancando a porta por dentro. Na cozinha escura, distraidamente, peguei um pano de prato com estampa de galinhas miúdas e alegres e o pressionei contra o corte no braço. Então me arrastei escada acima até o meu quarto e deitei na cama. Fiquei deitada de costas por alguns momentos, tentando processar o que havia acontecido, mas não adiantou. Os neurônios tinham parado de funcionar. Eu havia entrado, com certeza, em um estágio pós-traumático. Virei de lado e me encolhi, mas graças à luz vinda do meu relógio, pude ver a foto que estava no porta-retrato em cima do meu criado-mudo. Eu, Chip e Jennifer. Sorrindo. Felizes.

Quem disse que eu conseguiria dormir?

Fiquei olhando a foto até o nascer do sol. Quando minha mãe chegou em casa, tentou me tirar do transe, mas eu estava catatônica e desejando aquela sensação de indiferença. Ela usou uma toalha para remover a maior parte dos restos que estavam grudados em mim e fez um curativo no meu braço. Beijou minha testa e me deixou sozinha. Ela sabia sobre Chip; tinha saído no jornal da manhã.

Duda, recém-nomeado policial, o havia encontrado. Belo dia para se tornar policial, não? Creio que eles não souberam identificar a meleca preta e fedida deixada por Jennifer, já que não mencionaram nada no noticiário. Não queriam correr o risco de causar uma histeria coletiva. Três corpos e nenhuma prisão; não se podia culpá-los.

Quando finalmente saí da cama, não falei muito. E ninguém mandou os policiais virem me questionar, também. Acho que alguém tocou a campainha uma vez, mas minha mãe não os deixou entrar. Ela é bem forte quando precisa ser. E, embora a cidade inteira tivesse me visto

coberta de sangue durante o baile, também tinha me visto no começo da festa de bobeira por uns quinze minutos - então, eu possuía uma espécie de álibi. Todos acreditavam que eu havia encontrado Chip e ficado meio esquizofrênica. O que de fato era parcialmente verdade.

## Capítulo Catorze

### Briga de Mulheres

Não fui ao funeral de Chip. Não conseguiria ficar perto daqueles falsos que nunca o conheceram e nem se importaram com ele. Tudo o que eles sabiam era que ele tocava bateria. Não sabiam que ele possuía o maior coração de toda aquela cidade.

Não voltei à escola. Tinha outras tarefas e apenas algumas semanas de estudo para o exame final. Enquanto minha mãe estava no trabalho ou tirando um cochilo no sofá sob o seu quadro bordado com “Deus abençoe este cafofo”, eu me preparava para o confronto. Havia perdido uma oportunidade na piscina, que me custara muito caro. Da próxima vez, estaria preparada.

Na garagem, encontrei uma caixa de ferramentas que meu pai havia abandonado. Procurei a melhor arma possível entre as disponíveis. Queria uma machadinha, mas me contentei com um machado e um estilete. Pensei em comprar uma nova lâmina para ele na loja de ferramentas, mas decidi que a enferrujada era melhor.

Fui ao centro esportivo todos os dias. Não possuíamos uma academia supermoderna em Devil’s Kettle. Apenas uma área coberta com carpete cinza desgastado, luz fluorescente e um monte de pesos doados que não tinham par. Comecei com um halter de dois quilos e meio na mão esquerda e um de três na direita, depois troquei. Minha única companheira no levantamento de peso era uma mulher idosa usando um conjunto de moletom roxo. Ela devia ter pelo menos uns 70 anos. Não mexia muito com os pesos; levantar as próprias pernas já era difícil o suficiente para ela.

À noite, depois que minha mãe saía para trabalhar, eu ia até a casa de Jennifer. Mas não como antigamente, para passar o tempo. Desta vez eu ia para vigiar dos arbustos e espiar pelas janelas. Eu a observava, esperando o momento em que ficasse fraca e boba. Esperava que ela queimasse toda a energia vital que roubara de Chip. Eu precisava atacá-la antes que ela se alimentasse de outra pessoa.

Após algumas semanas, decidi que estava pronta. Decidi que ela estava pronta. Calcei meus novos coturnos e preendi o cabelo em tranças. Vesti moletom cinza com capuz e luvas sem dedos. Embora fosse maio, fazia um pouco de frio, especialmente após o anoitecer. Escondi o estilete na cintura da calça e peguei o machado. Olhei uma última vez o meu quarto. Eu sabia que provavelmente não o veria novamente.

Fui até o quarto da minha mãe, no final do corredor. A pilha de bilhetes de loteria riscados e o frasco de calmante ao lado de sua cama me deixaram triste. Eu estava a ponto de tornar as coisas ainda piores para ela, mas tinha de ser assim. Era hora. Eu precisava sustar aquela Jennifer Check.

Ao chegar em sua casa, sentei-me sobre a pilha de lenha embaixo da janela do quarto dela por alguns minutos. O vento balançava os galhos das árvores. Eu podia ver o luar difuso através das nuvens. O céu estava inquieto. Não vou mentir; eu estava nervosa. Mesmo fraca, Jennifer era uma espécie de animal demoníaco com poderes estranhos. Quem sabe o que mais ela poderia fazer? Eu só contava com o elemento-surpresa, e este dura apenas um instante. Espiei pela janela para confirmar se ela estava lá. Podia vê-la estirada na sua cama de dossel

com teto rosa. Ela vestia regata e shorts cortados de uma calça. A pele estava acinzentada e o cabelo, seco. Vendo seu quarto sob a luz, percebi como era bobo. Era um quarto para uma princesa de 5 anos. Papel de parede rosa com florzinhas, móveis brancos, máscaras de carnaval brilhantes nas paredes. Sua mãe havia decorado o quarto assim para seu aniversário quando ela era pequena e ele nunca foi mudado. Sempre tive *tanta* inveja do quarto de contos de fada de Jen. Sempre a vi como princesa e eu, o ogro.

Eu a vi levantar e apagar a luz. Estava escuro. Eu podia ouvir o bater do meu coração e o vento passando pelos arbustos. Subi na pilha de madeira e levantei a janela. Agachei, respirando tão alto que podia jurar que ela me escutaria. Era o momento.

Preparar, apontar, *já*.

Lancei-me pela janela, gritando com todas as forças. Jennifer só teve tempo de se erguer sobre um cotovelo e soltar uma exclamação de surpresa antes que eu entrasse no quarto, levando o machado em direção à sua cabeça. Errei o alvo e fiz um buraco na parede. O machado ficou preso no gesso. Hora do Plano B. Joguei meu corpo sobre o dela, sentando em suas coxas para mantê-la no lugar, e comecei a enforcá-la com as mãos. A adrenalina corria no meu sangue, e eu não conseguia evitar berrar.

— Você matou Chip! Sua monstra! Zumbirinha! - gritei.

Suas unhas eram afiadas como garras e se cravaram em meus braços enquanto ela tentava me tirar de cima dela.

Mantendo uma das mãos em sua garganta, usei a outra para puxar o estilete da cintura da calça e deslizar a lâmina para fora. As pernas dela pedalavam, e seus joelhos me acertavam as costas.

— Você compra todas as suas armas mortíferas no Home Depot? - grasnou Jennifer. - Como você é macho.

Ela engasgou quando apertei sua garganta com mais força. Tinha um comentário espartano para tudo. Aquilo sempre me irritava. Levantei o estilete, preparando-me para cortá-la, mas ao abaixar o braço com a lâmina, em desespero ela se levantou e me mordeu no pescoço. Apoiei todo o meu peso em sua garganta e a forcei novamente para baixo. Endireitei-me e a cortei com o estilete, talhando um grande X sobre seu tronco. Sangue começou a brotar dos cortes.

— JENNIFER RISCADA! - gritei para ela.

Ela gemeu de dor e olhou em choque para seu corpo, depois para mim. Senti-me vitoriosa. Ela não era invulnerável.

De repente me senti fora de eixo, como se estivesse num brinquedo de parque de diversões e o chão tivesse sumido. Balancei a cabeça e então percebi que estávamos flutuando! Aquela garota-demônio idiota estava levitando novamente e me levando com ela. Instintivamente apertei meus joelhos em seu quadril e preendi uma das mãos em seu cabelo, enquanto tentava apunhalá-la de novo com o estilete.

Ela mais uma vez tentou escapar, e quase conseguiu, mas segurei firme. Minha cabeça bateu no teto e eu o empurrei para tentar nos abaixar. Continuamos a brigar no ar, lutando por controle, quando o vento afastou as nuvens e o luar reluziu pela janela. Algo brilhou em sua garganta e eu vi a corrente com o coração de ouro onde estava escrito BFF. Não o havia sentido, mas eu a pressionara contra sua garganta com tanta força que surgiram marcas vermelhas no formato da corrente ao redor de seu pescoço. Vê-las me deixou furiosa. Fingida!



Enraivecida, arranquei a corrente e a joguei do outro lado do quarto.

Ela bateu no espelho e por um momento nossos olhares se encontraram. Por um segundo, que pareceu uma eternidade, nós nos lembramos de que já havíamos sido amigas. Já tínhamos sido duas garotinhas, uma loira, outra morena, que juraram ficar juntas para sempre. Acho que a eternidade não é mais o que costumava ser, não? O rosto de Chip surgiu em minha mente e ofeguei. Por um momento, relaxei o aperto.

Subitamente caí e quebrei a cama na queda. Ela mergulhou do teto para cima de mim, tentando me esmagar, mas eu estava preparada para isso. Eu a virei de costas e pulei sobre ela novamente. Dessa vez, eu não deixaria a oportunidade passar.

Nada de últimas palavras, bordões ou adeus. Eu estava possuída por um propósito e acreditava completamente que era justo. Simplesmente ergui o braço e a apunhalei de novo - desta vez, no coração. Sangue jorrou por todos os lados, atingindo as colunas brancas da cama e o lençol de cachorrinhos. Foi uma bagunça. Sentei-me ali, olhando para o corpo dela que estremecia. Não tinha mais certeza do que fazer naquele momento.

De repente, uma luz forte me cegou.

— Jennifer? Querida? Meu Deus!

Era a Sra. Check. Ela havia acendido a luz e me encontrado sobre o corpo de sua filha, segurando um estilete sangrento. Acho que não posso culpá-la por ficar histérica. Ela não sabia que a filha tinha se tornado cria de demônio.

— Needy?

Ela me agarrou, puxando-me da cama e jogando-me no chão para que pudesse voltar e abraçar Jennifer. A respiração de Jennifer estava fraca, mas ela ainda respirava.

Deixei o estile cair sobre uma cópia do *Flag Team Quarterly* que estava no chão, e me aproximei da encenação de *Pietà* que acontecia ali ao lado.

— Sra. Check? - perguntei com educação. - Ela morreu? Consegui acertar?

Jennifer inspirou e vomitou sangue em cima de sua mãe. Depois morreu, finalmente. Sua cabeça caiu para trás e um filete de líquido preto escorreu da sua boca.

Sua mãe uivou, mas eu sorri. Conseguiu. Sentia-me livre. Sentia-me triunfante. Sentia-me orgulhosa. Tinha salvado o mundo.

A parte mais estranha, no entanto, era que ela parecia não ter lutado muito. Digo, ela se debateu e tal, mas, quando eu estava a ponto de desferir o golpe mortal, ela me olhou e sorriu ironicamente. Como se estivesse me provocando. Mesmo em seus últimos momentos de vida, a verdade é que eu faria o que quer que ela me pedisse. E tive a impressão de que ela queria que eu a matasse. Pela primeira vez, nós duas realmente queríamos a mesma coisa.

Devo confessar, morrer fez maravilhas para a aparência dela. Ela voltar a ser a gostosona de sempre.

**Agora que você já sabe...**

Claro, dessa vez a polícia apareceu e me prendeu, depois que a Sra. Check ligou para a emergência. Não fugi; apenas esperei por eles perto de Jennifer, caso ela voltasse dos mortos. Já assisti a muitos desses filmes em que a heroína se ferra por causa de um corpo reanimado. Mas ela não se mexeu.

Enquanto me algemavam e colocavam na viatura, eu me sentia elétrica pelo sucesso, tagarelando que havia salvado todo mundo e falando como era poderosa. Minha culpa não estava nem em questão. Convenientemente, no entanto, minha sanidade era duvidosa. Na realidade, não sei mas quem é Needy Lesnicki. Sou uma pessoa completamente diferente agora. Alguém que xinga, chuta enfermeiros no rosto e vê coisas que não estão lá. Sou uma pessoa muito estragada.

Algumas vezes, porém, mudar pode ser algo bom. Pode ensinar algo novo sobre você mesmo. Por exemplo, nenhum dos livros de ocultismo ou sites que eu li me informaram que, se você é mordido por um demônio e sobrevive para contar a história, pode talvez absorver um pouco das habilidades deste capeta. Você pode dar sorte, pelo menos uma vez na sua existência miserável.

Empurram uma carne estranha pela abertura na porta, que é meu jantar. Torço o nariz ao sentir o cheiro, distraidamente coçando o pescoço. Ele coça bastante onde Jennifer me mordeu. Parece infectado, também, e os antibióticos que me deram não têm ajudado. Levanto-me e sento-me, cruzando as pernas. Fecho os olhos e me concentro. Tenho praticado isso bastante e já vejo progresso. Sinto o chão de cimento se afastar; estou subindo pelo ar. Alcanço a estreitíssima janela no topo da parede e a quebro. Sim, com certeza aprendi uns truques novos.

Lá fora, a lua brilha. Não aperfeiçoei a aterrissagem ainda, então caio mais do que pouso no chão. Rolo na terra e me levanto. Hora de começar o show. Ando calmamente até a grade de segurança, com todo aquele arame farpado por cima. Abro um buraco exatamente do meu tamanho na grade e a atravesso. Começo a caminhar pela estrada em minhas confortáveis pantufas de coelhinho, levantando despreocupadamente o polegar para pedir carona. Não há quase tráfego hoje à noite.

Após alguns quilômetros, ouço um barulho de água correndo ao lado da estrada. Aqui é onde o riacho deságua depois da cachoeira. Todo o lixo que os cientistas jogaram pelo buraco deveria tecnicamente aparecer aqui, mas isso nunca acontece.

Vejo algo brilhar sob a luz da lua. Deixo a estrada, corro pela beira do riacho e agacho para pegá-lo na água. É uma faca de caça. Acho que a “chaleira” não cozinha tudo, afinal. Prendo-a na cintura da calça e continuo andando.

Por fim uma caminhonete se aproxima e torno a levantar meu polegar. O motorista reduz a velocidade e para, abaixando a janela. É um perverso que fica me secando de cima a baixo. Acho que se excitou com as minhas pantufas de coelho.

— Querendo ir pra onde, mocinha?

— Leste. Na direção de Madison - respondo.

— Leste, é? Pelo jeito vou pra lá também. Mas tem de me pagar em grana, cana ou xana. Sacou?

— Não tenho dinheiro nem bebida, então vai ter de ser xana - devolvo.

— Tá bom, então - completa o perverso. - Sobe aí na carruagem.

Dou a volta e sento-me no lado do passageiro. Enquanto ele dirige, eu aumento o volume do

rádio. Aquela música estava tocando novamente. Eu acompanho a letra desta vez.

*Através das árvores vou achar você.*

*Curar os destroços que restaram em você.*

*E as estrelas irão lembrar a você,*

*Que nós vamos nos reencontrar...*

— Por que você tá indo pro leste, mesmo? - pergunta ele.

— Tô seguindo essa banda de rock - explico.

— Esse deve ser um grupo bom como o diabo - completa o motorista.

A música termina e o DJ concorda:

— Que música! Pensei em tocar esta em homenagem ao Low Shoulder, que toca hoje à noite em Madison. Será uma noite inesquecível, com certeza.

— Sim - respondo - Hoje será o último show deles.

Sorrio e recosto no assento. Estou pronta.

**FIM**

\* \* \*